



A **Liahona** የግንዛቤ ስልጠና



Mensagem de Inspiração

Thorpe B. Isaacson
da Primeira Presidência

O falecido Presidente Joseph F. Smith, comentando a lei do jejum e o pagamento de uma oferta de jejum honesta, declarou: "Portanto, todo santo dos últimos dias tem a obrigação de entregar a seu bispo, no dia de jejum, os alimentos (ou seu equivalente que êle e sua família consumiriam naquele dia, para serem utilizados em benefício dos pobres; ou, em lugar dos mantimentos, que seu valor ou soma equivalente, ou em caso de pessoa abastada, uma doação monetária liberal, seja assim reservada e dedicada aos necessitados." (Gospel Doctrine, p. 243)

Se os santos dos últimos dias cumprissem fielmente a lei do jejum, e orassem devidamente quando jejuam e pagassem uma oferta de jejum honesta, seriam abençoados com maior abundância — tanto temporal como espiritualmente — e a Igreja disporia de suficientes fundos para socorrer todos os necessitados, como o Senhor ordenou. Êle nos indicou o caminho... Deus nos abençoe de modo que possamos encarar com seriedade o jejum, a oração e o pagamento de uma oferta de jejum honesta como o Senhor, em sua divindade, o decretou.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. Thorpe B. Isaacson	2
Cristianismo em Ação. David O. McKay	3
Ordem Mundial. G. Homer Durham	5
Quanto Vale Você? Elwin C. Nielsen	7
O Grande Deus Branco Existiu Realmente. Mark E. Petersen	10
O Desejo de Crer. Kenneth R. Hardy	16
Onde Buscar Orientação... Richard L. Evans	17
O Espia-Estrélas. Gail Tepperman Barclay	18
Juncos para o Almôço. Joanna C. Miller	21
Família. Bispo Presidente	22
Chaves para a Orientação Infantil. Jean Larson	24
O Milagre do Amor. Willis S. Peterson	26
O Fôgo do Aprendizado. Lynn Stoddard	27
Alerta em Meu Pôsto. Albert Zobell Jr.	30
Quarelas — e Felicidade no Lar. Richard L. Evans	32

Capa

"Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rêde ao mar, porque eram pescadores.

"Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens." (Marcos 1:16-17)

Esse convite de Jesus é reproduzido no quadro a óleo "O Chamado dos Pescadores", de Harry Anderson, parte do qual ilustra a capa dêste mês.

publicação mensal da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias editada pelo Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olimpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Editor
Hélio da Rocha Camargo

Redator
F. Máximo

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Estaca São Paulo Leste
R. Ibituruna, 82, São Paulo, SP
Redator Regional
Ferrer da Costa

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215
CP 862, São Paulo, SP
Tel. 80-4638

Redator Regional
Gordon L. Minson

Missão Brasileira do Sul
R. Dr. Flôres, 105, 14.º
CP 1513, Pôrto Alegre, RGS
Tel. 24-9748

Redatora Regional
Wilma Bing Torgan

Missão Brasileira do Norte
R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB
Tel. 225-1839

Redator Regional
Walmir Silva

Missão de Construção Geral
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

Redator Regional
Manoel Marcelino Netto

Departamento Fotográfico
Rui Marques Bronze

A LIAHONA — Edição brasileira do "The Unified Magazine" da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263, impressa pela Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Os artigos publicados nas páginas dos redatores regionais são de responsabilidade dêles e dos seus eventuais colaboradores.

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 10,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: NCr\$ 1,00; exemplar atrasado: NCr\$ 1,20. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar até oito semanas para o processamento postal.



CRISTIANISMO EM AÇÃO

Pres. David O. McKay

Meus irmãos, qual é proveito, se alguém disser que tem fé mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?

Tiago 2:14

Nesta significativa declaração, Tiago denuncia a impotência da fé como percepção meramente intelectual, dando a entender a importância da **aplicação da verdade à vida e conduta cotidianas**. Ele ensina que “a fé é morta e inútil a não ser que seja expressa numa vida justa e em ações verdadeiramente cristãs.” Sempre houve, e há hoje em dia, demasiada discrepância entre crença e prática, entre a proclamação de sublimes ideais e a aplicação destes à vida cotidiana.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, aceitando a Cristo como o verdadeiro Filho de Deus, crê que ele revelou as características e a personalidade de Deus o Pai — pois êle próprio declarou: “Quem me vê a mim vê o Pai.” A Igreja também acredita que o padrão de conduta pessoal revelado por Jesus em sua vida e ensinamentos não somente mitigariam os presentes males da sociedade como também trariam felicidade e paz à humanidade, se fôssem plenamente incorporados à vida individual e às instituições humanas.

Ao argumento de que durante os últimos dois mil anos as chamadas nações cristãs não lograram atingir tal objetivo, respondemos que êsse fracasso deve-se ao fato de que não aplicaram os princípios e ensinamentos do verdadeiro cristianismo.

Para todo sincero seguidor de Cristo, religião não deveria significar apenas um sentimento de relação com Deus, mas também **uma expressão desse sentimento na conduta pessoal com respeito ao certo e ao errado e à obrigação ao dever**.

A Verdadeira Religião é Vital

Indubitavelmente foi êste tipo de religião que Patrick Henry tinha em mente quando, no ocaso da vida, declarou: “Já leguei tudo o que possuo à minha família. Mas existe mais alguma coisa que eu desejaria poder dar-lhes — a religião cristã. Nesse caso, mesmo que eu não lhes tivesse dado um centavo sequer, seriam ricos; mas se não a tiverem, ainda que lhes legasse o mundo inteiro, nada teriam.”

A religião pura nos dá o poder de elevarmo-nos acima dessa vida egoísta, sensual, sórdida que Eucken denomina a "pura natureza" e nos permite "experimentar aquela parcela divina na vida que se encontra acima e além da realidade palpável."

"Sem essa espécie de religião" prossegue o filósofo, "a verdadeira civilização não é possível. Uma civilização que evita qualquer contato com a vida sobrenatural e se recusa a estabelecer essas misteriosas relações íntimas, transformar-se-á gradualmente num arremedo de civilização."

Há mais de seis mil anos a família humana vem sofrendo as conseqüências da expressão e manifestação incontidas de egoísmo, ódio, inveja, ganância — paixões animalescas que levam à guerra, à devastação, à pestilência e à morte. Tudo isso poderia ter sido evitado, se tivessem observado os mais simples princípios dos ensinamentos do Salvador.

A Igreja vem admoestando os santos constantemente a que vivam de acôrdo com os princípios do Evangelho — a prestarem a devida reverência a Deus e a tudo que é sagrado; a viverem segundo os princípios da honestidade, da integridade, da justiça, pagando os dívidos e ofertas, não esquecendo a oração diária e a observância do dia do Senhor, e abstendo-se do uso de estimulantes, como chá, café, bebidas alcoólicas, fumo e narcóticos.

O Testemunho Fortalece

Desejaria que todos tivéssemos um testemunho igual ao de Jó que, em meio a tôdas as aflições, afirmava:

Porque eu sei que o meu Redentor vive, e por fim se levantará sôbre a terra. Depois, revestido êste meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim. (Jó 19:25-27)

Tal testemunho é produzido pela aceitação das palavras, ideais e ensinamentos do Evangelho, e a fôrça do indivíduo será proporcional à fôrça e sinceridade dêsse testemunho. Se o tivermos, somos capazes de resistir a qualquer tentação.

Recordo-me de uma carta recebida tempos atrás de uma das nossas jovens em que dizia: "Creio na oração, freqüento a Escola Dominical" mencionando ainda outras reuniões da Igreja. Depois confessava uma fraqueza, indulgência que seria tão mortal para sua doce alma como a geada para a rosa. E ela perdeu a fôrça — a fôrça para resistir, o que lhe trouxe muito pesar.

Aquilo que fazemos nas conferências, em nossas alas e grupos, dá-nos fôrça para resistir ao mal que campeia no mundo. Todos nós necessitamos dêsse fortalecimento. Nesse particular, é enorme a respon-

sabilidade que cabe aos líderes da Igreja — oficiais da estaca, líderes das alas, quórums e organizações — pois os jovens os observam. Em primeiro lugar, devemos dar o exemplo, obedecendo os princípios do Evangelho; procurando viver à altura dêles, tendo paciência e fé para aguardar a atuação de nosso Pai Celeste e dêle receber entendimento acêrca dos problemas que não podemos compreender.

Quatro Princípios Alertadores

São poucos e simples, e qualquer pessoa normal poderá aplicá-los se o desejar. O primeiro dêles é o fundamento no qual se baseia a verdadeira sociedade cristã:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de tôdas as tuas fôrças — A crença num Ser Supremo vivo e que ama seus filhos — a crença que dá fôrça e vigor à alma. A certeza de que é possível aproximar-se dêle em busca de orientação, e que êle se manifestará àqueles que o procuram.

O segundo:

A aceitação da verdade de que a vida é um dom de Deus e portanto divina. O emprêgo apropriado dêsse dom impele o homem a tornar-se o senhor da natureza e não seu escravo. Controlará seus apetites, usando-os em benefício da saúde e do prolongamento da vida. Suas paixões devem ser dominadas e dirigidas para a felicidade e bênção do próximo, além da perpetuação da espécie.

O terceiro é:

Integridade pessoal. Por isto entendo a simples e habitual honestidade, sobriedade e respeito pelos direitos alheios, o que nos proporcionará a confiança de nossos semelhantes. Isto se aplica tanto às nações como aos indivíduos. É tão errado uma nação, em virtude de seu poder, pilhar e oprimir uma outra, como o é o indivíduo roubar e matar seu próximo.

O quarto princípio essencial:

A consciência social que leva o indivíduo a compreender que é seu dever tornar o mundo melhor pelo fato de viver nêle. A essência, o espírito dêsse princípio está expresso na afirmação do Profeta Joseph Smith: "Se minha vida não tem valor para meus amigos, então também não tem valor para mim".

Algum dia os seres humanos inteligentes compreenderão a importância e o benefício de viverem em boas relações uns com os outros. Isto não é possível atingir pela mera crença, nem por exortações, mas pela aplicação dos princípios do Evangelho de Jesus Cristo nos negócios, na sociedade e na vida nacional, princípios êstes que abençoam ao que os observa e abençoa a todos que entram na esfera de influência dêsse doce espírito.



Ordem Mundial

G. Homer Durham

Os capítulos 24 e 25 do Evangelho segundo Mateus registram as palavras de Jesus proferidas no Monte das Oliveiras. Ali respondeu a pergunta de seus discípulos: **“Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século?”** (24:3)

Foi quando predisse algumas notáveis mudanças, admoestando-os

francamente e contando diversas importantes parábolas. “E será pregado êste Evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.” (24:14) “Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem.” (24:37) “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (25:13) Depois seguiram-se duas grandes parábolas, a

dos talentos (25:14-30) e a do grande julgamento (25:31-46)

Essas parábolas são freqüentemente debatidas fora do contexto, individual e separadamente.

Como literatura, como gemas do pensamento ou argumento doutrinário podem ser abordadas individual e separadamente. Entretanto, em seu contexto, fazem parte de um

sistema profético, instrutivo dado pelo Salvador aos seus discípulos no cenário distinto do Monte das Oliveiras, segundo os capítulos 24 e 25 de Mateus.

Nesse contexto, suas implicações são claras. Na parábola dos talentos a injunção é aplicarmos com inteligência e sabedoria tudo o que recebemos do Senhor. Devemos progredir naquilo que recebemos, naquilo pelo que somos responsáveis. Devemos ser servos bons, úteis e fiéis. Então seremos merecedores das palavras — “entra no gozo do teu Senhor” (25:21-23) Mas com choro e ranger de dentes” . . . o servo inútil” foi lançado “para fora, nas trevas” (25:30)

Na parábola do grande julgamento, possivelmente temendo que seus discípulos pudessem pensar que o proveito aplica-se apenas aos bens materiais (sendo “talentos” um exemplo monetário) Jesus imediatamente esclareceu de que modo o indivíduo pode obter o verdadeiro “proveito”

“Quando o Filho do homem vier na sua majestade . . . tôdas as nações serão reunidas em sua presença, e êle separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas.” (25:31-32)

A parábola do grande julgamento conclui o sublime sistema de instrução dado no Monte das Oliveiras naquela ocasião. É o climax, atinge a essência da questão. Suplementa, esclarece, reforça o significado dos dois grandes mandamentos — amor a Deus e ao próximo.

Como conseguir qualificar-se a fim de ser contado entre os justos? Para ser colocado entre as ovelhas à mão direita do Rei? De que forma se consegue um lugar junto aos que ouvirão estas palavras: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.” (25:34)

A resposta, segundo as Escrituras, é alimentar os famintos: dar de beber aos sedentos, hospedar o forasteiro, vestir o nu, confortar e socorrer os enfermos e os que se encontram “em prisão”. (25:35-36) E tudo isso foi invocado em favor dos “mais pequeninos” (25:40)

Na parábola, aqueles que acatarem tais injunções ouviram as palavras alvissareiras. Mas aqueles que nada deram ao faminto, nem desdentaram o sedento, não providenciaram acolhida para o forasteiro, não vestiram o nu, não visitaram o enfermo ou os em prisão, encontraram-se à mão esquerda do Rei e ouviram-no dizer: “Apartai-vos de mim, malditos . . .” (25:41) “E irão êstes para o castigo eterno, porém os justos para a vida eterna.” (25:46)

Êste grande discurso esboça um programa prático adequado para todos os indivíduos. Devemos desenvolver os talentos que Deus nos deu a fim de servirmos aos nossos semelhantes, particularmente aqueles atingidos pelo infortúnio ou extremamente necessitados. O fato de que nem todos agirão assim está implícito em ambas as parábolas. E isto é um desafio para cada um de nós. Estarei eu entre êles? Já estarei chegando a hora final? O que posso fazer? Esta doutrina também é um desafio a grupos, cidades e nações.

Não afirmo que um homem abastado, talentoso, que viva num Estado próspero que proporcione assistência médica e social adequada por intermédio da administração pública será encontrado necessariamente entre “as ovelhas”. Nem tampouco que uma pessoa bondosa, interessada, que viva numa nação cruel, impiedosa e repressora acabará entre os “cabritos”. Mas acredito que a grandiosa concepção do desenvolvimento dos talentos e prestação de auxílio caridoso pode ser aplicada tão bem a grupos organizados como individualmente ou vice-versa.

Atualmente a Igreja vem enfatizando duas coisas: primeiro, uma vida familiar salutar que proporcione amor, sustento, educação, instrução e o senso de integridade a todos os membros como filhos de Deus. A criança que aprende a cantar “Sou um filho de Deus” estará bem preparada para enfrentar o relaxamento moral e as crises de identidade da vida urbana contemporânea. Essa criança também já conta, de início, com boa preparação e o fortalecimento para enfrentar as condições inerentes aos talentos e ao julgamento final como chaves para a felicidade individual e coletiva e a ordem mundial. O segundo ponto que vem sendo enfatizado na Igreja é: “Que agora todo homem aprenda a conhecer e cumprir o seu dever.” (Vide D&C 107:99)

As duas extraordinárias parábolas do Monte das Oliveiras proporcionam uma ampla perspectiva a êses dois pontos. Nelas encontramos uma visão e desafio para a salvação individual. E é bem possível que em tais ensinamentos encontremos uma base para reduzir as inquietações e favorecer a ordem mundial.



Quanto Vale Você?

Elwin C. Nielsen

Êle é tão convencido! Pensa ser mais do que todos. Age como se fizesse um grande favor em falar com a gente."

Creio que quase todos nós já tivemos ocasião de nos sentirmos assim acêrca de outra pessoa. Contudo, provavelmente muitos ficariam constrangidos ao saber que quase todos temos uma semente de presunção escondida em nosso íntimo. Conseqüentemente, precisamos saber o que motiva tal tipo de orgulho injustificado e como evitá-lo. Paradoxalmente, a pessoa mais convencida é geralmente a que tem a pior opinião sôbre o seu próprio valor. De alguma forma tornou-se intimamente temerosa de não ser na realidade uma pessoa de valor, digna de ser amada.

Nanci possuía as mais belas roupas de tôda a comunidade. Mesmo nas churrascadas costumava estar bem vestida — quase elegante demais — embora raramente participasse de uma; e quando comparecia, ficava ao lado do marido, recusando-se a ser envolvida na conversa dos demais. Na rua então, mostrava-se

mais reservada ainda. De fato, muitas pessoas afirmavam que ela as olhava e passava sem demonstrar reconhecê-las. Julgavam então que ela se considerava superior devido as posses do marido e não desejava associar-se com as pessoas comuns. No entanto, o oposto é que estava certo. Longe de olhar para seus vizinhos como "sêres inferiores", na presença dêles ficava imobilizada pelo temor, não conseguindo forçar-se a falar. Sabia que a posição social do marido não a tornava melhor do que os outros e achava que nunca conseguiria estar à altura dêle. Na realidade, Nanci vivia tão enleada em seus temores e senso de inferioridade que não lhe sobrava tempo para pensar em quem quer que seja.

Temores como os de Nanci, frequentemente ignorados, podem tornar-se devastadores. Tôda pessoa necessita sentir que poderá ser amada por seu próprio valor, independentemente de suas realizações ou aparência. Essas qualidades aparentes são boas, mas por exemplo, se um homem sentir que sua espôsa o ama sômente devido ao seu prestígio profissional ou pelo

conforto que lhe proporciona, é bem provável sentir-se apreensivo quanto à própria pessoa. Será que terá algum valor além de sua conta bancária e relações sociais? Ele tentará de todos os modos evitar essa idéia, chegando até a expulsá-la do consciente. Mas tal idéia continuará a existir, tornando-o incapaz, de examinar seu íntimo por medo de encontrar o que o torna tão indesejável. E assim ele também não poderá ver o valor e boas qualidades que possui. Certo homem, profissionalmente muito bem sucedido, achava que a única coisa que conservava sua esposa junto a ele era seu sucesso mundano. Esse temor forçou-o a trabalhar ainda mais para que ela não o abandonasse. Não conseguia ver, mesmo quando ela lhe disse durante suas discussões, que o que ela realmente desejava era ele e que sentia-se negligenciada. Isto o aborrecia e também amedrontava, por isso passou a trabalhar mais, negligenciando-a também mais. Quando ela finalmente o abandonou a fim de procurar alguém que pudesse dar-lhe de si próprio, esse homem sentiu-se completamente derrotado e suicidou-se.

O que é Orgulho Injustificado?

A pessoa que sente esse tipo de medo exibirá um orgulho injustificado, que, a meu ver, é uma tentativa de compensar sua pretensa falta de valor, elevando-se às custas de outra pessoa ou coisa. Dêsse modo, a pessoa convencida projetará seu sentimento de inferioridade sobre os outros. Tenta convencer a si mesma de que é uma pessoa superior, melhor do que a maioria que a cerca, e procurará preservar tal sentimento e imagem depreciando os outros sempre que possível.

Ricardo o consegue discutindo. Não importa o que se diga, está errado; e desta maneira Ricardo dá a entender que qualquer pessoa que tenha tal idéia é realmente estúpida.

Enquanto o orgulho injustificado é por demais óbvio na pessoa presunçosa ou jactanciosa, às vezes apresenta-se sutilmente disfarçado. A pessoa que não consegue aceitar graciosamente um elogio e retruca: "Oh, no íntimo você não pensa assim", ou, "Oh, isto é uma velharia! Já o tenho há tanto tempo que quase me envergonho de usá-lo", coloca a outra pessoa na situação embaraçosa de ter de provar o que disse, ou então põe em dúvida seu bom gosto ou julgamento.

Em lugar de projetar seu complexo de inferioridade sobre terceiros, tal pessoa poderá simplesmente aparentar insatisfação consigo mesma, e com tudo e todos que a cercam. Nada a contenta. Se o filho tira 80 em português, o pai automaticamente fica aborrecido porque não conseguiu a nota máxima. Não é capaz de

expressar abertamente sua admiração por alguém perante o filho porque teme que isto seja um sinal de que esta pessoa tem mais valor do que ele. Seu orgulho é facilmente ferido e por isso hesita em mostrar-se como realmente é, sem escusas ou pretextos.

Tais atitudes são tão destruidoras como o convencimento. Em ambos os casos o indivíduo coloca seus próprios temores acima de suas relações com terceiros. Não consegue ser cordial e dar apoio a outros, nem tampouco empenhar-se no desenvolvimento do potencial que Deus lhe deu, por estar ocupado demais procurando escusas, criticando ou exigindo melhor desempenho.

Atitudes de Auto-Respeito

Em contraste com tais atitudes auto-destruidoras, a pessoa que se considera realmente valiosa agirá de maneira compatível com esse auto-conceito. Por estar satisfeita consigo mesma, essa satisfação afastá-la-á totalmente do orgulho defensivo, injustificado. O fato de saber quem é e qual seu objetivo será antes simples parte da realidade. Não se preocupará com o fato de não ser perfeita ainda, mas sabe que está procurando sê-lo. Sentir-se-á perfeitamente à vontade em que os demais a vejam como é, e os aceitará nos mesmos termos, sem inveja, julgamento ou comparação. Quando observa alguém com um talento maior que o seu, não tenta diminuir, seja de que forma for, o valor desse talento, mas reage com cálida aprovação, a mesma cordialidade que demonstra para com os menos dotados. Por reconhecer seu próprio valor, não se sente ameaçada pelo valor alheio; e em vez de ficar ofendida, com o orgulho injustificado de outros, demonstra compreensão e empatia pelos temores deles desejando auxiliá-los. E eles necessitam dessa ajuda, pois não existe solidariedade mais profunda do que a daqueles que não se sentem à altura dos demais.

Tenho um amigo que demonstra essa espécie de auto-confiança em suas relações com o próximo. É capaz de dizer a alguém. "Espero que você goste de mim pois aprecio estar a seu lado e gostaria de conviver mais com você." Dessa forma arrisca expor seus próprios sentimentos demonstrando abertamente que se julga suficientemente atraente para ser capaz de promover tal relacionamento em lugar de aguardar que surja por si.

Amor Auto-confiante

E quanto à ira e apetites? Será que uma pessoa de valor sentirá tais emoções básicas? Certamente que sim mas não as usará como desculpa para atacar o ca-

ráter alheio. Ela as reconhecerá e as manejará adequadamente. Poderá dizer ao filho: "Você me causa muita raiva quando briga com sua irmã," e talvez o castigue mas nunca atacará o caráter da criança dizendo-lhe que é má. O indivíduo que costuma atacar dessa maneira o caráter alheio torna implícito, queira ou não, que o seu é melhor.

Jesus não disse que devemos amar ao próximo mais do que a nós mesmos, mas como a nós mesmos. A igualdade implícita nesta formulação é muito importante, pois devido à natureza humana ninguém consegue amar verdadeiramente outra pessoa se não ousa amar a si mesmo.

Carl Rogers, o eminente psicólogo contemporâneo, argumenta que tal autoconfiança é imprescindível para o verdadeiro crescimento pessoal. Acredita que o homem nasce com a tendência básica de atualizar-se; isto é, de desenvolver-se mental, moral, espiritual e fisicamente ao mais alto grau possível. Entretanto, está convencido de que ninguém pode atualizar-se sem ter a capacidade de examinar a si próprio. É preciso que conheça todos os seus pontos fortes e fraquezas, seus impulsos bons e maus. Rogers acredita que quando o homem vê seu próprio potencial, tanto positivo quanto negativo, reconhecerá que é fundamentalmente bom e sempre procurará conduzir-se de modo a atualizar suas qualidades boas.

Sete Meios de Positivar a Auto-Estima

De que maneira é possível desenvolver suficiente auto-estima, de modo a expulsar o orgulho injustificado? Não existe uma fórmula mágica, mas eis algumas sugestões freqüentemente proveitosas:

1. Faça um exame de sua ira. O temor que provoca orgulho injustificado freqüentemente decorre do fato de as pessoas que aprenderam que a raiva é muito nociva, encontram-na em si próprias. Na realidade, como já foi dito, a ira é uma emoção normal que deve ser reconhecida como tal e manejada de maneira social e moralmente aceitável. O mesmo deve ser dito das demais emoções chamadas básicas.

2. Descreva todos os seus sentimentos e impulsos. Procure conhecer-se como realmente é; isto não significa que a pessoa deve espojar-se em suas fraquezas, mas ter a coragem de conhecer seus pontos fortes e fracos. Os estudiosos da psicologia descobriram que à medida que alguém explora o próprio ego de maneira imparcial, descobre paulatinamente novos aspectos de si mesmo; e onde teme encontrar fraquezas geralmente descobre pontos positivos.

3. Enumere periodicamente os pontos fortes. A maior parte das pessoas teme examinar-se de maneira positiva. Freqüentemente, à guisa de exercício, peço às pessoas que façam uma lista das coisas em que são peritas e das que fazem inadequadamente. Depois peço-lhes que comparem as duas listas. Muitas vezes a lista negativa é muito mais comprida do que a positiva, não por incapacidade das pessoas, mas porque têm medo de se encararem positivamente. Estão acostumadas a pensar que é um mal ter um bom conceito sobre si próprias e temem ser tidas como presunçosas.

4. Arrisque-se a expor seus sentimentos. Demonstre abertamente seus sentimentos positivos para com terceiros para que possam ser vistos e aceitos ou rejeitados. "Gostei da maneira como você formulou esse pensamento," "Gosto da maneira como você se traja," ou "Gosto de você," são exemplos das coisas que as pessoas convencidas não expressam com suficiente freqüência. Ou quando o fazem, estão geralmente lançando a isca à espera de outro elogio.

5. Como exercício, durante uma reunião familiar ou jantar festivo, diga a cada membro da família *tôdas as qualidades dêle que você realmente aprecia.* Quase todos nós deixamos de proporcionar suficiente estima e apoio mesmo aos nossos entes queridos.

6. Esteja alerta quanto às possibilidades de ajudar outros a demonstrarem seu próprio valor. A pessoa que monopoliza uma conversa ou que não sabe ouvir atentamente o que outros dizem, insinua que suas próprias idéias são mais importantes. Quem tem certeza de seu próprio valor, sente-se entusiasmada pelos talentos e idéias alheios diferentes dos seus, em lugar de preocupar-se por não possuí-los.

7. Faça um esforço consciente para quebrar seus hábitos rotineiros. Tenha novos pensamentos, vá para casa por um caminho diferente, faça seu trabalho de maneira diversa, gaste alguns minutos lendo algo incomum, talvez algo com o que você não concorde. A maior parte das pessoas deprimidas, inseguras julgam-se mundanas e medíocres. As pessoas que se consideram interessadas e alertas tendem mais a serem seguras, autoconfiantes e humildes.

Essas sugestões não pretendem esgotar o assunto, mas poderão suplementar outras idéias salutares proveitosas para que aprendamos a nos conhecer melhor. Ninguém conseguirá conhecer a si próprio completamente. O importante é estar ciente e tentar. E aqueles que o fazem descubram que aprendem a dar mais valor aos outros à medida que aprendem a dar mais valor a si mesmos.



O Grande Deus Branco

O Grande Deus Branco da América antiga ainda vive! Nas descobertas e escritos de arqueólogos e historiadores êle agora destaca-se como uma realidade irrefutável. O mistério que há tanto tempo velou as tradições enigmáticas dos nativos americanos foi desvendado pela pesquisa moderna e pelos recentes achados de antiquíssimos documentos que permitiram ampla visão de sua divindade e trabalhos no hemisfério ocidental.

Êsse Deus existiu realmente!

Êle veio para a América muito antes de Colombo.

Pregou a verdadeira religião aos antigos, ressuscitou alguns de seus mortos, curou inúmeros enfermos, ensinou-lhes novos e mais produtivos métodos agrícolas, e estabeleceu uma forma de govêrno equitativa e pacífica.

Apareceu e se foi subitamente de maneira sobrenatural.

Os antigos o tinham como seu Criador que havia vindo à terra revestido de um corpo.

Quem poderá duvidar de uma evidência agora tão conspícua?

Que era uma divindade cristã é impossível negar.

Que seus ensinamentos lembram os da Bíblia é presentemente admitido por muitos.

E que prometeu retornar é um fato aceito, comprovado pelas Escrituras, além de atestado claramente pelos relatos históricos subseqüentes.

A tradição dêsse Deus Branco da América antiga foi preservada através das gerações das nações indígenas, do Chile ao Alasca, sendo igualmente persistente entre os polinésios, do Havaí à Nova Zelândia.

Em seus detalhes genéricos tôdas essas tradições são concordes. Diferem apenas quanto ao nome e detalhes secundários de ilha para ilha, de região a região,



Os havaianos recebem ao Capitão Cook como Deus.

Existiu Realmente

Mark E. Petersen do Conselho dos Doze

mas em linhas gerais são idênticas — de que existiu um Grande Deus Branco. Apareceu entre seus ancestrais, a quem ministrou durante algum tempo e depois se foi. Algumas afirmam que subiu aos céus.

As informações agora disponíveis são tão convincentes que induziram Paul Hermann a declarar em seu livro "The Conquest of Man":

"Após cuidadosa consideração não resta outra conclusão senão que Quetzalcoatl, o 'Deus Branco, ou da Luz' foi uma pessoa real, não sendo nem invenção da propaganda espanhola, nem uma ficção legendária da imaginação dos índios." (pg. 72)

Este personagem era conhecido como Quetzalcoatl em certas partes do México, principalmente na região de Cholula; como Votan, em Chiapas e Uixepechocha, em Oaxaca; como Gucumatz, na Guatemala, Viracocha e Hyustus, no Perú; como Sumé, no Brasil; e Bochica, na Colômbia.

Os peruanos também o conheciam como Kon-Tiki ou Iiaa-Tiki. (Tiki significava tanto Criador como Luz).

Os maias o conheciam geralmente como Kukulcan.

Nas ilhas polinésias era denominado Lono, Kana, Kane ou Kon, e às vezes Kanaloa — A Grande Luz ou a Grande Inteligência. Era conhecido também como Kane-Akea, o Grande Progenitor, ou Tanga-roa, deus do oceano e do sol.

Qual a aparência desse Grande Deus Branco?

Foi descrito como um homem branco, alto, barbado e de olhos azuis, usando um largo manto flutuante. Desceu do céu e para lá voltou.

E o que fez enquanto aqui esteve? Curou os enfermos, devolveu a visão aos cegos, fez andar os paráliticos e ressuscitou alguns mortos. Pregou uma vida melhor, ensinando a fazer aos outros o que desejamos que nos façam, a amar ao próximo como a nós mesmos, e a sempre demonstrar bondade e caridade.

Parecia uma pessoa de grande autoridade e de uma bondade incomensurável. Possuía o poder de transformar montanhas em planícies, e estas em altas monta-



nhas; conseguia fazer brotar fontes cristalinas da rocha sólida.

Além de dar-lhes leis para que vivessem pacificamente uns com os outros, incentivou-os a buscarem mais conhecimento e também lhes ensinou melhores métodos agrícolas.

Um dos aspectos mais interessantes da vinda dêle é que surgiu após um período de trevas que cobriu toda a terra, período durante o qual o povo havia orado implorando pelo retorno do sol. Enquanto durou a escuridão, "êles sofreram muito, orando e fazendo grandes votos aos que consideravam seus deuses, pedindo que lhes devolvessem a luz que se fôra." Quando esta voltou, então veio o homem branco de grande estatura, cuja aparência suscitou grande respeito e veneração... E quando viram seu poder, chamaram-no o Criador de tôdas as coisas, o Princípio, o Pai do sol." (Pedro de Cieza de Leon, "The incas")

Êsse personagem, ao pregar sua religião, também ordenou ao povo que construísse grandes templos para o culto, sendo que seus seguidores tornaram-se muito devotos. (Pierre Honore, "In Quest of the White God", pag. 16) Ao deixá-los, prometeu que viria uma segunda vez, o que levou os nativos a esperarem seu retorno,

da mesma forma como os judeus aguardam o Messias prometido.

Contudo, esta crença levou-os à desgraça quando os espanhóis chegaram à América, e o Capitão Cook aportou nas ilhas havaianas. Mas essas tragédias serviram somente para reforçar a evidência da existência dêle.

Quando os conquistadores espanhóis chegaram à América do Sul, um dos oficiais de Pizzaro desembarcou usando capacete e armadura, e levando seu mosquete reluzente. Sua aparência era impressionante.

Os indígenas que o observavam da praia ficaram estupefactos — um homem branco! Quando Pedro de Candia se aproximou dêles, ajoelharam-se bradando "Viracocha, Viracocha". O bravo cavaleiro sentiu-se intrigado. Os indígenas se aproximaram mais, rodeando-o. Um tanto assustado, o oficial disparou sua arma para o ar, esperando com isto assustar e afastar os nativos. Mas êstes não se moveram, mas sussurravam: "Illa Tiki, Illa Tiki", o que significava, "o deus do raio".

Os indígenas julgavam que fôsse seu deus branco Viracocha que retornava e que sua arma controlava o raio e o trovão.



Montezuma honra a Fernando Cortez como o Deus que retorna.

Também Cortez foi tido como o Deus Branco quando chegou ao México em 1520. Quando os habitantes da costa viram que era branco, além de líder entre os seus homens, e que viera num grande barco com velas brancas, foram correndo a Montezuma anunciando-lhe que o Grande Deus Branco voltara.

Isto causou profundo efeito em Montezuma. Lembrou-se de que quando fôra coroado imperador, os sacerdotes do culto asteca lhe haviam dito: "Este trono não vos pertence; vós o ocupais apenas por empréstimo e algum dia terá que ser devolvido Àquele a quem pertence por direito." (Pierre Honore, *ibid*, pg. 66)

Imediatamente Montezuma fêz planos para receber Cortez com todo o respeito devido ao Deus Branco que sua religião lhe ensinara aguardar. Enviou-lhe ricos presentes; abriu-lhe o tesouro real. Cortez foi homenageado como uma divindade. Mas sua perfídia logo modificou a situação, levando à guerra. Montezuma perdeu o trono e a vida. Mas a tradição sobreviveu.

Quando o Capitão James Cook chegou às águas tranquilas das ilhas do Havaí, também foi confundido com o Deus Branco. Os nativos polinésios, como seus parentes americanos, há muito esperavam a segunda vinda do seu Grande Deus Branco.

Ao verem o Capitão Cook, homem branco de aparência imponente, navegando num grande barco com enormes velas brancas como os nativos nunca haviam visto ainda, os havaianos o receberam e adoraram como o ansiosamente aguardado Lono, seu deus de cabelos louros.

Curiosamente, o Capitão Cook aportara durante o festival Makahiki, celebração destinada a manter viva a tradição do Lono, o Deus Branco. O Rei Kalaniopuu recebeu Cook e seu contingente com muitas honras, e os sacerdotes nativos os conduziram cerimoniosamente à grande pirâmide de pedra que era o templo de Lono. Admirado, o desassombrado explorador britânico aceitou essas homenagens, prazerosamente disposto a receber qualquer honra que lhe quisessem conceder.

Mas a tripulação estava longe de ser angelical, e com suas depredações provocaram o ódio dos nativos a todo o contingente. Na luta que se seguiu, Cook perdeu a vida.

Mas também ali, a tradição sobreviveu.

Não apenas persistiram através dos séculos as velhas histórias do Deus Branco, como também seus ensinamentos continuam caros aos corações desses povos.

Durante anos, como os homens guerreavam e freqüentemente eram mortos, as mulheres se tornaram as guardiãs das tradições e da genealogia. Contavam essas histórias aos filhos e netos.

Uma dessas marcantes histórias que sobreviveram é relatada por Stephen em sua obra "Incidents of Travel in Central America", onde o autor cita o que Fuentes, cronista do antigo reino da Guatemala e dos índios toltecas conta sobre a origem desses povos.

Eram israelitas, diz êle, libertos da tirania do faraó por Moisés. Após cruzarem o Mar Vermelho, tornaram-se idólatras por influência dos povos locais; e a fim de escaparem às censuras de Moisés, desgarraram-se. Sob a liderança de um certo Tanub vaguearam de continente a continente até atingirem um lugar chamado as Sete Cavernas, uma região do reino do México, onde fundaram a cidade de Tula. A história narra que de seu líder Tanub descendem as linhagens dos tula e dos quiche.

Outras tradições contam que quatro irmãos conduziram suas clãs de um país muito distante a oeste por sobre o oceano até o nôvo mundo, onde se estabeleceram e construíram cidades.

Popol Vuh, o livro sagrado dos antigos quiche-maias revela que os primitivos americanos acreditavam numa trindade de deidades, (êste livro foi escrito em caracteres latinos por escribas nativos, no século XVII; o original pre-colombiano era escrito em hieróglifos) Acreditavam também num pai e mãe celestiais, e que o Pai Eterno e seu Filho Amado foram os criadores do céu e da terra. Tal trindade é formada por Caculha Huracan, Chipi-Caculha e Rexa-Caculha e eram chamados o Coração do Céu.

O Popol Vuh também diz que a criação foi realizada por essa trindade — três entes divinos — criadores e o princípio de tudo. Tais americanos primitivos, que agora sabe-se terem sido de elevada cultura sob muitos aspectos, além de profundamente religiosos, não acreditavam em nenhum deus assexuado, informe, fantasmagórico. Para êles essa trindade eram pessoas reais, possuindo sexo e personalidade. E nos céus também existia u'a mãe.

Segundo o mesmo livro, êsses ameríndios primitivos acreditavam na pre-existência, e também num demônio que vivera nessa vida pré-terrena, onde jactava-se de seu esplendor e poder, dizendo "meus olhos são prata, luminosos, resplandescentes como gemas preciosas, como esmeraldas, meus dentes brilham qual pedras preciosas, como a face do céu... Portanto, eu sou o sol, eu sou a lua para tôda a humanidade".

Êsse sêr maligno procurou usurpar a glória de Deus mas fracassou. "Sua única ambição era exaltar a si próprio e dominar."

O manuscrito originário de antigas fontes indígenas explica que naquela ocasião "nossa primeira mãe nem nosso primeiro pai haviam sido criados."

Ali também encontramos a história da mulher sendo tentada a comer o fruto de uma árvore ao que pergunta: "Tenho que morrer? Estarei perdida se apanhar um destes frutos?"

A história do grande dilúvio (Noé) também é conhecida entre os povos primitivos da América e da Polinésia.

As tradições no norte do México, principalmente entre os índios yaqui falam da sobrevivência de um conselho de doze santos homens que ministravam a religião entre o seu povo. Contam também de uma forma de sacramento da ceia do Senhor, onde os nativos comem e tomam emblemas sagrados em meio de sinais de grande tristeza, em lembrança de sua deidade.

A religião era uma parte vital da vida desses primitivos americanos, o mesmo acontecendo com os polinésios que, segundo se crê, levaram consigo suas tradições religiosas em suas migrações nas Américas. Muito tem sido escrito sobre êsse assunto.

Quem era êsse Grande Deus Branco?

Jesus Cristo, enquanto ministrava entre os judeus, falou de um outro grupo de crentes — as ovelhas de outro aprisco. (Vide João 10) Prometeu que os visitaria e ministraria entre êles. E cumpriu sua promessa — na América.

Como na Palestina, também na América antiga houve ministério de profetas, e no mesmo período. Êsses profetas ocidentais registraram sua história sagrada, da mesma forma como o fizeram seus iguais judeus, e desta forma surgiu outro volume de Escrituras. Conhecido como o Livro de Mórmon, êsse volume conta acerca das coisas de Deus na América antiga, assim como a Bíblia relata a história sagrada do Velho Mundo.

O Livro de Mórmon relata os fatos da aparição do Deus Branco, evento ocorrido na América após sua ressurreição na Palestina. Naquela época aqui viviam milhões de pessoas, algumas acreditando na vinda de Cristo a esta terra; outras escarneciam. Os que acreditavam serviam ao Senhor; os demais seguiam todo caminho infúo.

Por ocasião da crucificação, quando a Palestina foi abalada por terremotos, o hemisfério ocidental sofreu abalos sísmicos, tempestades e conflagrações ainda mais severos. O Livro de Mórmon diz:

"E aconteceu que, no ano trigésimo quarto, no dia quatro do primeiro mês, levantou-se uma tormenta como nunca antes havia sido vista no país.

"E desabou também uma grande e terrível tempestade, com terríveis trovões que sacudiam toda a terra, como se fôsem rachá-la ao meio.

"E houve relâmpagos tão resplandescentes como nunca vistos em todo o país.

"E a cidade de Zarahemla incendiou-se." (3 Néfi 8:5-8)

E após êsses acontecimentos que perduraram por três dias, ouviu-se uma voz "e todos a ouviram e testemunharam que dizia:

"Ó povo destas grandes cidades que foram destruídas, que sois descendentes de Jacó, sim, que sois da casa de Israel; quantas vezes vos reuni, como a galinha reúne seus pintos sob suas asas, e vos alimentei!

"... quantas vezes eu quis juntar-vos, como a galinha junta os seus pintos, e não quisestes!" (3 Néfi 10:3-5)

Alguns dias mais tarde, uma grande multidão reuniu-se nos arredores do templo existente no país de Abundância, e lá ouviram a voz por três vezes:

"E eis que na terceira vez, compreenderam o que dizia a voz. Dizia-lhes ela:

"Eis aqui meu Mui Amado Filho, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a Ele deveis ouvir.

"E então aconteceu que, ao entenderem, elevaram outra vez seus olhares ao céu; e eis que viram um Homem que descia, vestido com uma túnica branca, o qual desceu e se colocou no meio deles. E para Ele volveram-se todos os olhares e ninguém se atreveu a abrir a boca, nem sequer um para o outro, para perguntar o que aquilo significava, pois supunham que se tratasse de um anjo que a eles tivesse aparecido.

"E aconteceu que Ele estendeu sua mão e assim falou ao povo:

"Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas.

"E eis que sou a luz e a vida do mundo; bebi da taça da amargura que o Pai me deu e O glorifiquei, tomando sobre mim os pecados do mundo, cumprindo assim a vontade do Pai em todas as coisas, desde o princípio.

"E aconteceu que, quando Jesus pronunciou estas palavras, toda a multidão se deitou por terra, pois se lembrou de que havia sido profetizado entre eles que Cristo lhes apareceria depois de sua ascensão ao céu.

"E aconteceu que o Senhor falou:

"Levantai-vos e vinde a mim, para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que Eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo.

"E aconteceu que a multidão se adiantou, tocou com suas mãos o seu lado e apalpou as marcas que os cravos haviam deixado em suas mãos e pés; e assim fizeram todos, um por um; e viram com seus próprios olhos, apalparam com suas próprias mãos e souberam com toda a segurança, testemunhando que era Ele aquele sobre quem os profetas tinham escrito, afirmando que haveria de vir.

"E depois de terem todos se aproximado e testemunhado pessoalmente, clamaram a uma só voz, dizendo:

"Hosana! Bendito seja o nome do Mais Alto Deus! E, atirando-se aos pés de Jesus, adoraram-no." (3 Néfi 11: 6-17)

Nos dias que se seguiram, o próprio visitante divino instituiu a bênção do pão e do vinho como um sacramento; chamou a si todos os enfermos, aflitos, cegos, surdos e os curou; organizou uma administração para pregar e batizar em seu nome, e aconselhou êsses líderes e as multidões sobre a sua doutrina.

E após muitos dias "apareceu uma nuvem e cobriu a multidão, de modo que ela não pôde ver a Jesus.

"E enquanto estavam assim envolvidos, Ele partiu do meio deles e ascendeu aos céus. E os discípulos viram e testificaram que Ele novamente ascendera aos céus." (3 Néfi 18:38-39)

Esta é a verdadeira história do Grande Deus Branco — é Jesus o Cristo, o Salvador de toda a humanidade.

O Desejo de Crer

Kenneth R. Hardy

Mas, eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e exercerdes um pouco de fé, sim, ainda mesmo que não tenhais mais do que o desejo de acreditar, fazei com que êsse desejo cresça em vós, até o ponto de crer. . .” (Alma 32:27)

Nesses nossos dias de tumultos civis e rivalidades mundiais, mesmo um olhar casual aos jornais nos deixa deprimidos quanto à situação angustiosa do mundo. Alguns têm expressado seu desespero clamando: “Não consigo suportar a idéia de trazer filhos a um mundo tão terrível.” Outros acham que a vida está “cheia de clamores e fúria que nada significam.”

Como alcançar suficiente fé na bondade de Deus, a ponto de sentir-se confiante de trazer filhos a êsse mundo tão tremendamente conturbado? Ou que a vida, afinal de contas, é boa, significativa e digna de ser vivida? Há suficientes evidências apoiando as alegações dos pessimistas de que o mundo está agonizando e que as coisas estão indo de mal a pior. Naturalmente, o lado contrário também dispõe de evidências, mas seria difícil encontrar motivos para o otimismo baseado somente em fatos.

Muitas questões da vida cotidiana podem ser respondidas pela evidência dos nossos sentidos físicos, reunida por métodos geralmente aceitos. Assim, o patologista pode determinar se um tumor é maligno ou não submetendo os tecidos a testes consagrados. O mesmo ocorre com o geólogo para determinar se uma rocha é de origem vulcânica, metamórfica ou sedimentária. O fazendeiro poderá testar a força e a velocidade de seus cavalos fazendo-os competir. Os resultados de tais testes são bastante conclusivos enquanto aceitarmos a suficiência dos métodos empregados. Êsses resultados não são simples reflexo dos desejos ou preconceitos de quem investiga. Qualquer pessoa, independentemente de suas crenças, chegará ao mesmo resultado.

Mas os assuntos espirituais não podem ser solu-

cionados somente por experiências ou métodos físicos:

“E agora, conforme falei com referência à fé: Fé não é ter um perfeito conhecimento das coisas; portanto, se tendes fé, tendes esperança nas coisas que não se vêem e que são verdadeiras.” (Alma 32:21)

Existem evidências da existência de Deus e da realidade da imortalidade, mas elas estão longe de serem convincentes para os céticos. Não é possível decidir a questão baseando-se tão somente nas evidências físicas disponíveis. Tomemos por exemplo a passagem em Tiago que Joseph Smith leu — ela sugeria que se lhe faltasse sabedoria, poderia “pedir a Deus”. Não obstante inclui condição assaz importante: “Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando,” estabelecendo que Deus não responderá àquele que duvida. (Vide Tiago 1:6-8) Em essência, Moroni nos dá a mesma mensagem, quando promete ao leitor do Livro de Mórmon que o Espírito Santo lhe confirmará a autenticidade do livro. Moroni diz que o investigador deve perguntar “com um coração sincero e com boa intenção, tendo fé em Cristo.” (Moroni 10:4)

Em ambos os casos é prometido que o testemunho do espírito confirmará a fé existente. Neste sentido, a fé é um dom adquirido. Precisamos contribuir com a nossa parte: ler, buscar, estudar, pesquisar, viver dignamente; além disto, temos que ter a confiança de que Deus responderá nossa pergunta. Na verdade, sua resposta é um dom que confirma e amplia nossa fé.

O alcance da fé e a confirmação espiritual resultante transcendem os requisitos comuns que nos impomos na solução das questões terrenas. Não é da natureza das coisas que os assuntos fundamentais, como a existência e a benevolência de Deus, a realidade da vida após morte, o triunfo final do bem sobre o mal, sejam respondidos pelo emprêgo dos prosaicos métodos da razão e da evidência. Os “sinais” espirituais não surgem para convencer aquêle que duvida; são um acompanhamento para a fé do crente. Em virtude de esta vida ser um estado probatório, Deus decidiu que

devemos viver pela fé, sem as respostas inquestionáveis proporcionadas pela evidência irrefutável e conclusiva.

A fé não nos chega tôda de um golpe, mas pouco a pouco. À medida que exercermos fé e recebermos confirmação através do testemunho do Espírito, nossa fé cresce e se amplia:

"Comparemos, pois, a palavra a uma semente. Se derdes lugar em vossos corações para que uma semente seja plantada, eis que, se fôr uma semente verdadeira ou boa, e não a rechaçardes por vossa incredulidade... ela germinará em vosso peito; e quando lhe sentirdes os efeitos começareis a dizer a vós mesmos: Deve realmente ser uma boa semente, ou uma boa palavra, porque começa a dilatar a minha alma e a iluminar a minha inteligência; sim, começa a ser-me deliciosa.

"E eis que isso não faria aumentar a vossa fé? Digo-vos que sim; não obstante, não é suficiente para um perfeito conhecimento." (Alma 32:28,29)

Dêsse modo, é-nos possível crescer em testemunho e convicção acêrca de muitas partes do Evangelho. Sem essa fé inicial e mínima, êsse básico "desejo de crer", torna-se pouco provável que experimentemos motivação para crescer espiritualmente. Pelo contrário, provavelmente permaneceremos nas trevas espirituais (ignorância). A fé é realmente o primeiro princípio do Evangelho.

Deus realmente vive? O homem sobreviverá à morte? O bem triunfará afinal? Existirá significado na vida? Jesus será realmente o Cristo? A resposta não surgirá em alto som para que todos a possam ouvir. Virá, pelo contrário, num "sim" sussurrado àqueles que, com grande diligência, cultivarem a fé. (Alma 32:41)

Onde Buscar Orientação Sôbre Como Viver a Vida

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Uma constante indagação compelidora: Onde podemos — ou devemos — buscar orientação sôbre como viver a vida? Talvez seja possível traçar um paralelo. A quem nos dirigiríamos para obter orientação sôbre como usar um instrumento, um carro, ou um equipamento complexo? Quem é que sabe mais acêrca das coisas, de como devem ser manejadas e cuidadas, ou a que se destinam? Ôbviamente, o projetista ou produtor de uma máquina seria a pessoa mais indicada para elaborar o respectivo manual de instruções. O mesmo se aplica à vida — o Criador, o Administrador, é o maior conhecedor de seu propósito, das pessoas, de suas possibilidades. O Criador sabe por que a moderação, a moralidade, o trabalho, o respeito pelas leis são essenciais para a paz e a saúde e a felicidade. Êle nos deu uma maravilhosa mente, faculdades físicas incomparáveis, aconselhou-nos a fazer certas coisas e a não fazer outras, e a não prejudicar ou atulhar nossas vidas ou consciências com hábitos perniciosos, com conduta descuidada ou inconveniente. É natural que assim seja. Não é possível conceber-se que um pai não esteja interessado em tudo que se relacione a seus filhos: sua saúde física, mental, moral, espiritual e sua felicidade. Como não é possível conceber que o Pai de todos nós não se interesse por tudo que nos diz respeito. E por isso êle nos deu padrões, conselhos, requisitos, mandamentos, leis, regras de viver a fim de que alcancemos o ápice de nossas possibilidades, nossa mais sublime felicidade. A quem mais nos dirigir? A quem mais poderíamos confiar nas suas vidas eternas? Existem no mundo muitos homens de mente brilhante mas nenhum dêles sabe o suficiente. Vós que estais aflitos, que tendes problemas, que estais buscando e tentando encontrar um caminho, olhai além do superficial, além do aparente, além das teorias mutáveis, da admissibilidade irresponsável, das falsas suposições. Buscai o significado e o propósito e a paz da vida, e suas possibilidades ilimitadas, eternas. Voltai-vos ao Criador em busca da orientação que tanto procurais.

O Espia- Estrêlas

Gail Tepperman Barclay



A face afogueada, tão vermelha como seu agasalho tecido à mão, Lazzaro saiu correndo da sala de estar. As risadas do pai e dos amigos dêste ainda soavam em seus ouvidos mesmo quando já havia deixado a casa. Continuou correndo até que as pernas lhe doíam e o coração batia loucamente no peito arfante. Afinal, quando não mais conseguia ver o telhado da sua casa acima do tópo das árvores, Lazzaro interrompeu a corrida.

“Por que riem de mim?” murmurou agastado. “Por que não me dão uma chance?”

Era o ano de 1740 — a gélida e plúmbea mão do inverno já tocara as árvores da floresta em tórno de Scandiano, aldeia natal de Lazzaro na Itália setentrional.

O pai de Lazzaro Spallanzani era um advogado respeitado, e desde que se conhecia por gente, o menino compreendera que esperavam que seguisse a carreira do pai. Certa vez, seu pai, introduzindo-o em seu gabinete de trabalho, apontara-lhe orgulhosamente os grossos, poeirentos livros legais e pilhas enormes de papel almaço. “Algum dia, tudo isso será seu,” disse-lhe. “Dediquei minha vida a abrir o caminho. Agora a você só resta segui-lo.”

Mas Lazzaro Spallanzani ansiava por seguir um caminho diferente. O direito estava cheio de cuidadosas respostas para velhas questões, mas a cabeça de Lazzaro estava repleta de novas e estranhas perguntas para as quais não existiam respostas. Por que o céu é azul? Por que o homem não consegue voar como os pássaros? O que fazia as pedras chatas ricochetearem sôbre a superfície do lago quando as lançava? E aquelas estranhas fontes naturais que brotavam da terra lá no meio da floresta que rodeava Scandiano — o que as fazia borbulhar?

Lazzaro perguntara ao pai acêrca das fontes.

“Há muito, muito tempo, cinco belas jovens desobedeceram a seus pais e foram para o meio da floresta fazer um piquenique,” replicara o pai de Lazzaro, “Perderam-se. Gritaram por socorro mas ninguém as ouviu. Elas nunca mais foram vistas, mas suas lágrimas transformaram-se nas fontes e ficarão borbulhando da terra para sempre.”

Sendo um filho respeitador, Lazzaro apenas meneou a cabeça, mas intimamente sabia que devia haver outra explicação quanto ao caso das fontes.

Certa noite, Lazzaro, sentado obedientemente junto à lareira, ouvia as comedidas explicações do pai acerca daqueles enfadonhos documentos legais espalhados no chão diante dêles. Acima e além dos ombros encurvados do pai, Lazzaro podia ver o céu hibernal pejado de estrêlas. Por que algumas estrêlas são mais brilhantes que as demais? De onde vieram? A que distância estão as estrêlas? Haveria esperança de algum dia alcançá-las?

“Lazzaro! Você não está prestando atenção. O que você está observando?”

“As estrêlas,” admitiu o menino. “Pai, o senhor acha que tôdas as estrêlas são do mesmo tamanho?”

Seu pai olhou-o fixamente. “E que me importa o tamanho dos astros?” replicou irritado. “E por que haveria eu de me preocupar? O que você deseja ser, um respeitado advogado ou dêsses inúteis espia-estrêlas?”

“Nenhum dos dois” Lazzaro replicou com firmeza, “quero ser um cientista.”

“Um cientista! Você sabe ler em latim, grego e francês? Sabe solucionar problemas matemáticos? Você entende algo das questões e respostas da lógica? Um cientista,” e o pai de Lazzaro balançava a cabeça, “não sei o que está acontecendo com os rapazes de hoje. Lazzaro, você está sendo instruído para o direito e não para a ciência. E você será um advogado.”

Mas as palavras do pai provocaram-lhe uma idéia, uma idéia que brilhava tão intensamente em sua mente como as estrêlas no céu que observara tantas vêzes. Seu pai possuía uma rica biblioteca e também os amigos dêle dispunham de muitos livros. Ali poderia encontrar os compêndios de que necessitava, podendo instruir-se por si próprio.

Tôdas as noites Lazzaro sentava-se obediente diante do fogo e estudava infindáveis documentos legais. Ouvia as enfadonhas e intrincadas explicações dos diversos casos, pois amava e respeitava o pai; por isso não negligenciava o estudo do direito.

Mas em todos os momentos de lazer Lazzaro dedicava-se ao estudo de outras matérias — grego, francês, lógica e latim. Estudava com afinco; costumava levar seus compêndios de matemática para a floresta onde, sentado ao pé das fontes borbulhantes, fazia seus exercícios de aritmética, traçando os números no chão com um ramo afilado. Estudava até sentir a cabeça latejando — Lazzaro Spallanzani não tinha mais tempo de olhar as estrêlas!

Afinal chegou o dia em que Lazzaro deuse conta de que aprendera tudo o que era possível aprender sem um professor. Mas quando procurou o pai e tentou explicar-lhe o que fizera durante os longos e gélidos meses de inverno, êste simplesmente o despediu com um gesto.

“Está tudo muito bem,” dizia o pai de Lazzaro, “mas o que lhe dá a certeza de saber o suficiente para ser um cientista? Umas poucas palavras de grego e outro tanto de exercícios aritméticos! Esqueça essa bobagem, Lazzaro. Acalme-se e aprenda a ser um bom advogado.”

Embora o pai não lhe quisesse dar atenção Lazzaro não desistiu do seu sonho. Finalmente foi procurar Vallisnieri, um dos mais conhecidos e brilhantes cientistas daquela época.

“Então você quer tornar-se um cientista,” observou Vallisnieri. “Muito bem. Mas você tem sido treinado para o direito e não para a ciência. O que você sabe acerca dos assuntos científicos, rapaz?”

Lazzaro escreveu trechos em grego e francês com a caneta emplumada de Vallisnieri.

“Bem”, comentou êste. “O que mais?” Tomando-lhe a caneta Vallisnieri escreveu um problema matemático. “Isto acaso faz sentido para você?”

Com três penadas ligeiras Lazzaro solucionou o problema.

Um breve sorriso crispou os lábios de Vallisnieri. Levantou-se, apanhou um livro da estante atrás dêle e o abriu.

“Tome,” exclamou, depondo o volume nas mãos trêmulas de Lazzaro. “Você é capaz de resolver êsse problema de lógica?”



Lazzaro estudou-o durante cinco longos minutos. Com o coração desfalecendo devolveu o livro ao renomado cientista. “Não senhor, não sei resolvê-lo.”

Vallisnieri, a cabeça jogada para trás, riu gostosamente. “Então! Você além de inteligente é honesto!” exclamou aprovadoramente. “Ninguém jamais conseguiu solucionar esse problema, meu rapaz. É fácil ver que você nasceu para ser um cientista. Você está desperdiçando um tempo precioso estudando aqueles absurdos livros de direito. Por que o faz?”

“Meu pai insiste em que me torne um advogado.”

“Bah!” Pondo-se de pé, Vallisnieri disse: “Venha. Vou ter uma conversa com seu pai.”

Juntos caminharam sob o sol ardente, até ao lar de Lazzaro. Este permaneceu em silêncio, a cabeça baixa, enquanto Vallisnieri falava com seu pai junto à lareira.

“Seu filho está destinado a ser pesquisador,” gritava Vallisnieri, batendo com o punho na mesa. “Ele será uma honra para a nossa aldeia de Scandiano! Ele a tornará famosa! Ele é igual a Galileu!”

“Mas também é meu filho,” replicou o pai de Lazzaro. “A mim cabe decidir.”

Vallisnieri nada mais disse.

O pai de Lazzaro por longo, longo tempo ficou a fitar os papéis e compêndios de direito que enchiam a sala. Depois, voltou seu olhar para Lazzaro. Este, erguendo a cabeça, enfrentou o olhar fixo do pai.

“O nôvo ano letivo na Universidade de Reggio começa em menos de uma semana,” disse finalmente o pai. “Você conseguirá estar pronto a tempo, seu espia-estrêlas?”

Por um momento Lazzaro ficou por demais perplexo para pronunciar sequer uma palavra. Depois, o coração transbordando de gratidão e alegria, abraçou o pai.

E viria o dia em que Lazzaro Spallanzani seria aclamado como o mais eminente cientista e pesquisador italiano, pesquisador brilhante que viria a descobrir os segredos de seres tão minúsculos que não podiam ser vistos a olho nu, o homem que traduziria Homero e escreveria um artigo científico sobre as pedras ricocheteantes.

Mas, acima de tudo, Lazzaro foi um rapaz como qualquer garoto do norte da Itália — um rapaz que espiava as estrêlas e indagava “por quê”.



Juncos para o Almôço

Joanna C. Miller

Juncos no almôço! Onde se costuma servir tal prato e qual seria seu gôsto?

Os antigos egípcios poderiam dizê-lo, pois costumavam comer juncos, tanto cozidos, como crus. Isto talvez pareça um tanto estranho quando lembramos que o cesto no qual Moisés boiava no rio também fôra feito de junco. Mas os egípcios sabiam como prepará-los adequadamente. A haste grossa de três faces dessa espécie de junco é fibrosa na parte externa, mas macia e substanciosa internamente. E esta polpa delicada é que utilizavam como alimento.

O Nilo também era famoso por suas embarcações feitas dessa planta aquática. Tais barcos eram impermeabilizados com uma camada de betume, com o foi o cesto de Moisés. Por falar nisso, betume também é denominado asfalto, um dos ingredientes que compõem aquêlo revestimento escuro e pegajoso com que pavimentam as ruas.

Um passeio de barco pelo Nilo deve ter sido muito divertido. As ribanceiras dêsse grande rio apresentavam-se orladas de juncos, cujos talos compridos e nus freqüentemente atingiam uns três metros de altura, encimados por um chumaço de pecíolos finos e pequenas flôres marrons. Em certos lugares, tôda a superfície da água estava tomada por essa estranha planta aquática. Andorinhas dardejavam de lá para cá por sôbre a água perseguindo insetos, enquanto íbis pretos e brancos andavam empertigados pelos baixios em busca de peixes e sapos. Eventualmente seria possível observar um crocodilo nadando pelo rio ou lagarteando num ensolarado banco de areia. Junto dêle estaria sua companheira, a narceja, um pássaro que se encarrega de limpar-lhe os dentes e extrair parasitos das costas escamosas.

Mas o junco, ou "cana do Egito" como às vêzes era chamado, era uma planta usada não sômente para a construção de barcos e como alimento. Os antigos egípcios o empregavam para muitas coisas, como por exemplo, combustível, sandálias, tecidos, pincéis, velas, cordas, esteiras e mesmo papel.

Esse junco é também chamado papiro, palavra da qual se deriva o termo papel. Cêrca de 20 fôlhas dêsse papel de junco eram coladas umas às outras, formando uma tira comprida. Esta era enrolada em duas varetas de madeira ou metal — uma em cada ponta — e era chamada rôlo. Muitos dos primitivos anais, não só egípcios, mas também dos gregos e romanos, foram escritos em rolos de papiro.

Nos tempos de Moisés, escrevia-se com uma pena feita de bambú lascado, e a tinta era composta de negro-de-fumo (fuligem) e cola ou goma dissolvidos em água.

Para produzir uma fôlha de papiro, usavam-se duas camadas de polpa de junco cortada em fatias delgadas. Estas eram colocadas sôbre uma prancha, a camada de cima em ângulo reto com a debaixo. O papel confeccionado com as fatias mais largas era o mais caro. As camadas de polpa eram encharcadas de água do Nilo, o que talvez contribuía para aglutiná-las. Depois eram prensadas ou batidas e sêcas, após o que a fôlha era alizada com uma concha ou pedaço de marfim.

Seria interessante saber se Moisés levou consigo algum dêsse papel egípcio quando partiu com os filhos de Israel em busca da Terra Prometida. Será que usou rolos de papiro em alguns de seus escritos? Quem sabe? Talvez algum dia o descubramos.

O Bispo Presidente Fala à Juventude Sôbre a Família

No reino animal não existe vida familiar duradoura. Frequentemente os filhotes são cuidados somente pela mãe. Além do que, no mundo dos irracionais a prole convive com os pais por um breve período apenas — somente o tempo suficiente para aprenderem a sobreviver.

Para os seres humanos, contudo, existe a vida familiar duradoura. E embora a criança seja mais inteligente do que o animal desde o nascimento, o período de tutela paterna estende-se por muitos anos. Os motivos dessa tutela tão prolongada são óbvios: a criança precisa aprender muito mais do que os métodos básicos de sobrevivência.

A família de um jovem poderá ser a maior das "universidades" — mesmo no sentido eterno — que ele jamais conseguirá frequentar. Contudo, muitos jovens no mundo atual não estão aproveitando o treinamento proporcionado pelo lar. A razão primeira disso é que alguns se recusam a obedecer aos pais a quem o Senhor os confiou. O apóstolo Paulo, referindo-se aos últimos dias, abordou esse problema, dizendo:

"Pois os homens serão egoístas, avaros, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes." (2 Timóteo 3:2)

Existem muitas importantes lições sôbre a vida que os rapazes e moças aprendem melhor dentro do lar. Uma delas chama-se obediência — obediência aos princípios justos.

Um potro pode ser a própria imagem da beleza e exuberância juvenil; contudo, a despeito de toda a sua graça e vivacidade não terá nenhuma utilidade até que

aprenda a obedecer. O mesmo acontece com os jovens — se não aprenderem a obedecer encontrarão somente frustrações e desesperança a cada passo.

Paulo disse que também o Salvador aprendeu a obedecer:

"Embora sendo Filho aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu;

"E, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem." (Heb. 5:8-9).

O jovem que desdenha os pedidos e conselhos de seus pais estará se privando da grande oportunidade de aprender a obedecer. As bênçãos decorrentes da obediência aos pais não são coisa nova; elas são eternas. Um dos motivos que levou Néfi, profeta da América antiga, a tornar-se um grande líder e tão poderoso servo de Deus, foi sua obediência voluntária ao pai. Esta foi belamente ilustrada nas palavras de Lehi, pai de Néfi:

"Ordenou, portanto, o Senhor, que tu e teus irmãos fôsseis à casa de Labão buscar os anais e os trouxésseis para o deserto.

"E eis que teus irmãos murmuraram, dizendo que estou exigindo uma coisa difícil; não sou eu, porém, quem o está exigindo, mas é uma ordem do Senhor.

"Vai, portanto, meu filho, e serás favorecido pelo Senhor, pois que não tens murmurado.

"E eu, Néfi, disse a meu pai. Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar o caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:4-7)

Outra lição da vida que a juventude poderá aprender no lar é a gratidão. Em nossa sociedade atual pensa-se muito nas necessidades da juventude, o que em certos casos chega às raias da veneração. Contudo, a responsabilidade dela para com os pais continua a mesma como na antiguidade. O Senhor disse: "Honra a teu pai e a tua mãe..." (Êx. 20:12)

Nada consegue ferir mais profundamente o coração dos pais do que a ingratidão de um filho. Quando os pensamentos ou ações de um filho ou filha demonstram ingratidão, isto indica que a maturidade ainda está muito longe. A gratidão é uma marca do verdadeiro cavalheiro ou dama.

Benjamin Franklin expressou sua opinião sôbre a gratidão com as seguintes palavras:

"De minha parte, quando estou empenhado em servir ao próximo, não o considero como prestação de um

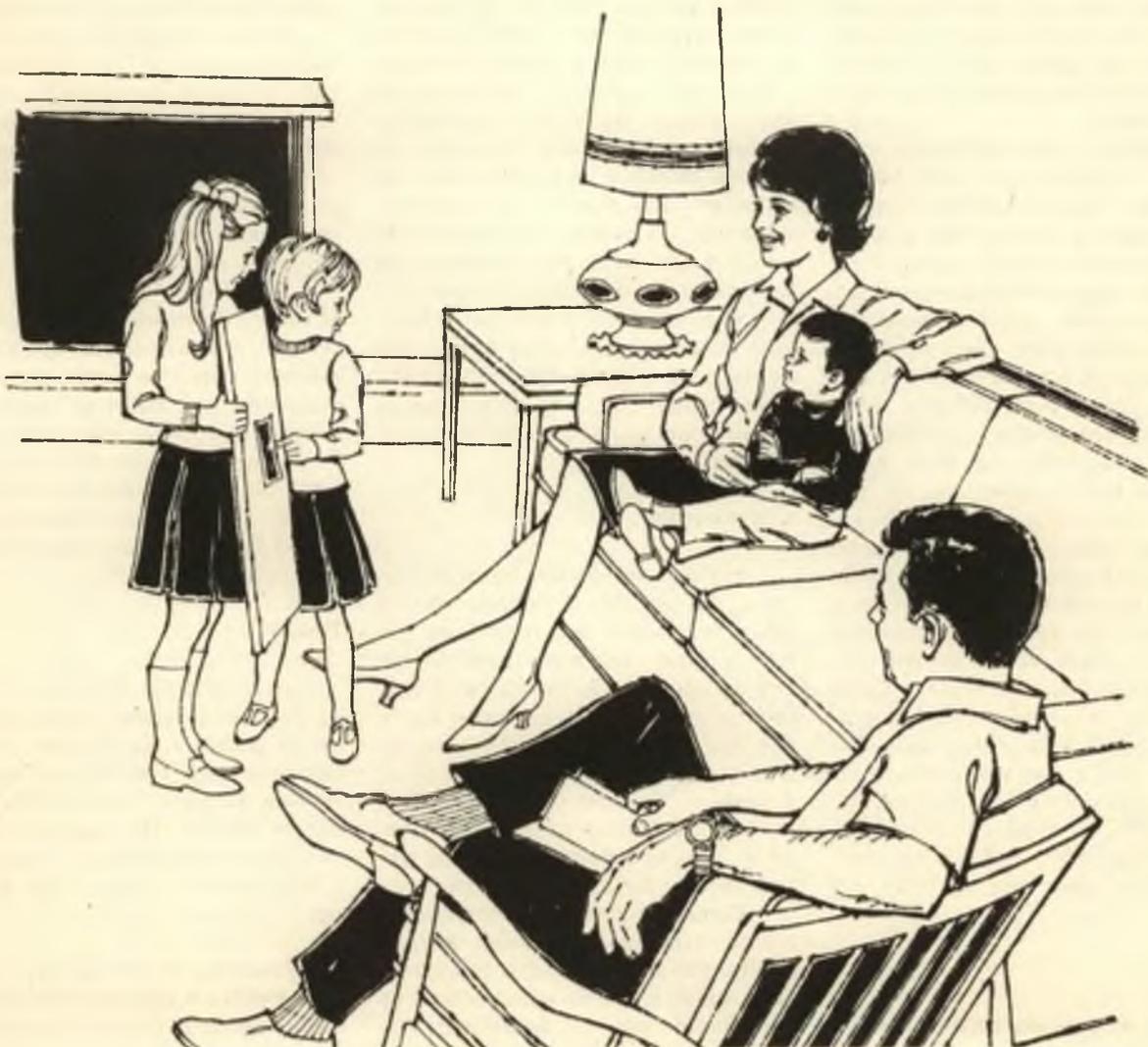
favor mas como pagamento de dívidas. Durante minhas viagens e desde que me estabeleci tenho recebido muitas provas de bondade e incontáveis demonstrações da misericórdia de Deus. Essas gentilezas por parte dos homens eu só posso, portanto, retribuir a seus semelhantes; e não existe maneira melhor de demonstrar minha gratidão pela misericórdia de Deus do que pela disposição de ajudar ao meu próximo. Pois acho que agradecimentos e elogios, ainda que repetidos continuamente, não poderão nos exonerar de nossas reais obrigações para com o próximo, e muito menos, para com o nosso Criador." ("Franklin's Testimony", The Treasury of the Christian Faith, pg. 292)

Outra, entre as inúmeras lições proporcionadas num lar, é a oportunidade de aprender a conhecer o valor do trabalho e de assumir responsabilidades. Cristo trabalhou na oficina de carpintaria de José; Davi apascentava e cuidava das ovelhas de seu pai; Abraão Lincoln trabalhou como lenhador; Joseph Smith labutava no sítio do pai.

As oportunidades de encarregar-se de responsabilidades no lar não são tão óbvias como outrora, mas há ainda gramados a serem aparados, quintais a cuidar, camas e arrumar, louça a lavar, e pisos a varrer. O rapaz ou moça conscientes reconhecerão que essas tarefas são uma oportunidade para aprender lições valiosas e não apenas trabalhos desprezíveis.

O lar proporciona aos jovens muitas oportunidades de aprender lições que precisam ser aprendidas a fim de que estejam equipados para enfrentar os desafios da vida. Geralmente existe uma relação direta entre quão bem são aprendidas essas lições e a medida do sucesso futuro.

Ao contrário do mundo dos irracionais, a juventude de hoje possui pais capazes de lhe ensinar mais do que recursos de sobrevivência e que poderão lhe proporcionar algumas das maiores lições da vida. Mas a responsabilidade de aprender essas lições cabe exclusivamente a cada jovem em particular.



Chave para a O

Objetivo, Comp

A resposta à questão: "A disciplina é necessária?" soa alto e claro: "Sim, é preciso haver disciplina!" Mas a questão da espécie, do por quê, e do modo de aplicar disciplina e orientação não está tão claramente definida. O não saber o que se espera de ambas as partes provoca certas experiências frustradoras a todos os envolvidos.

Vejamos o caso de Roberto. Ele estivera brincando junto ao tanque dos patos durante vários minutos quando o pai o chamou para que entrasse em casa. Roberto aproximou-se do pai vagarosamente, examinando seus próprios pés enlameados e calças enxovalhadas. Ao ver toda aquela sujeira, seu pai falou em tom severo: "Muito bem, Roberto, quantas vezes será preciso dizer-lhe que se mantenha longe da lama e da água? Vá buscar uma vara de salgueiro; talvez ela o ensine a não esquecer-se mais." Roberto demorou bastante até aproximar-se novamente com passos hesitantes — mas dessa vez com as mãos escondidas atrás das costas. A voz do pai continuava severa ao observar: "Estou esperando, dê-me essa vara." Roberto mostrou as duas mãos, mas não trazia a vara e sim um punhado de pedras. Então disse com vozinha humilde: "Não consegui encontrar uma vara de salgueiro, mas trouxe algumas pedras para que as atire em mim."

Objetivo

Na qualidade de adultos respon-

sáveis pela orientação da criança sentimo-nos preocupados com sua conduta e os meios de modificar, controlar ou instigar certas maneiras de comportamento.

A orientação pode tornar-se uma batalha entre a vontade dos adultos e das crianças. Mas, como em todas as batalhas, alguém sairá vitorioso. Deverá ser o adulto a expensas da curiosidade, expressão espontânea e auto-estima infantil, ou então a criança devido à sua capacidade de ostentar uma conduta compulsiva, negativa e violenta? A disputa do poder é um risco para qualquer relacionamento, devendo ser evitada.

O objetivo da orientação é fazer com que a criança saiba o que dela se espera, e então proporcionar-lhe experiências que a ajudem a adquirir auto-disciplina ou controlar a si mesma.

Compreensão

Por que as crianças agem de maneira tão peculiar e quando se modificarão? Existe uma razão para que façam o que costumam fazer. Às vezes os adultos não se dão ao trabalho ou não tentam compreender o que há por trás de certa conduta. Quantas vezes ouve-se um pai dizer à criança: "Pare de chorar, senão darei a você motivo para tal," partindo do princípio de que a criança não tem motivo algum para chorar.

Certas formas de comportamento, embora inaceitáveis para o adulto, são normais numa criança de certa idade e podem passar como as estações do ano. Os acessos de rai-

va são a reação normal numa criança na idade em que aprende a andar quando se sente frustrada. Meter-se em tudo que encontra, tentar descobrir possibilidades de manipulação de objetos e materiais é uma força compelidora interior na criança.

Quase todos os pais têm as mesmas queixas: "Por que meu filho não fica quieto na igreja?", ou "Exatamente quando quero que se comporte ele faz cenas." Uma situação nova ou à qual a criança não está suficientemente acostumada, geralmente provoca um comportamento não aprovado pelos adultos.

A hora mais difícil em muitos lares é a do jantar. A mãe estará entretida preparando a refeição, as crianças menores estão cansadas e com fome, e o pai e as mais velhas exigem um ouvido atento para o que lhes aconteceu durante o dia. Em tal situação a tensão alcança níveis elevados. Às vezes as crianças fazem o que fazem porque desconhecem o que delas se espera.

Técnica

A orientação envolve avaliação da conduta e reação a ela. Em virtude de cada um de nós ser um indivíduo singular lidando com outro indivíduo singular, as técnicas de sucesso variam. Há algumas diretrizes básicas sobre como lidar com o comportamento das crianças em geral:

Primeiro, a punição não ensina nem mostra à criança o tipo de conduta desejado. Poderá impedir repe-

Entrevista com Jean Larson

Entrevista com Jean Larson

Ensino e Técnica

Jean Larson

tição futura ou traumatizar a criança sobre aquilo que não deve fazer, mas não estabelece o que deve fazer.

As crianças em idade de aprender a andar são notórias pelo emprego de técnicas sociais primitivas. Geralmente, quando outra criança tiver algo que desejam, procuram obtê-lo mordendo, empurrando, puxando ou batendo. Muitos pais, ao observarem tal comportamento sentem-se demasiadamente ansiosos. Usualmente, alguém dirá que o meio de ensiná-las a não morder é mordê-las em retribuição. Será que mordendo-a estaremos ensinando à criança como deve agir?

Segundo, não é conveniente tentar reprimir a curiosidade infantil. Seria o mesmo que tentar parar seu crescimento. É preciso incentivar o hábito de fazer perguntas e de experimentar as coisas. Se sua conduta decorre de uma crescente curiosidade, então é conveniente tolerar ou canalizá-la; é preciso ter muito cuidado se fôr preciso sustar êsse tipo de conduta.

Brincar com água é um dos divertimentos mais calmantes para a criança de pouca idade. Contudo êste como as demais brincadeiras do tipo sensorial precisam ser canalizadas. A mãe poderá observar: "Não posso permitir que você despeje água de um recipiente em outro aqui na cozinha, mas lá fora (ou outro lugar protegido) poderá fazê-lo."

Terceiro, tentar olhar as coisas do ponto de vista da criança. Em lugar de esperar que a criança percor-

ra todo o caminho numa situação intolerável, procurar um meio de tornar as coisas mais fáceis para ela. Um elogio sincero por apenas ser ela mesma, é capaz de modificar o comportamento da criança. Alguns adultos acham que as crianças não devem ser elogiadas. Mas se existir alguma base para tal, deve ser aproveitada.

Havia um garôto de cinco anos no jardim de infância que parecia transbordante de boas idéias. Sua professora freqüentemente lhe dizia: "João, como você é esperto!" Certo dia um pai observou-lhe: "Por que a senhora está sempre dizendo a esta criança que é esperta? Não acha que isto poderá torná-la egocêntrica?" A professora replicou achar que o comportamento infantil é grandemente influenciado pela maneira como os outros reagem a elas, seja por palavras ou ações. Pouco tempo depois João observava um encanador mal-humorado consertar uma pia entupida no jardim de infância. Ao retirar o sifão e encontrá-lo cheio de areia, parecia prestes a explodir. João, que estivera observando tãda a operação, voltando os olhos para aquela face carrancuda disse: "Puxa, como você deve ser esperto para ser capaz de consertar essa pia." A raiva do encanador transformou-se num sorriso amável ao dizer: "Bem, parece que nisto sou esperto."

Quarto, proporcionar à criança amor, simpatia, meiguice e demonstrar-lhe que tem valor. As crianças aprendem o que vivem. A criança que recebe algo tem o que retribuir.

Quinto, fazer com que a criança saiba o que dela se espera. Ensinar à criança o que deve fazer em lugar de proibir o que não deve. Ajudar a criança a compreender os motivos, conseqüências e responsabilidades. Isto é o oposto de ameaças e represálias. Proporcionar-lhe experiências pelas quais desenvolva o auto-contrôle através da compreensão em vez de pelo medo.

Maria estivera recortando e colando figuras na mesa de trabalhos. Quando já estava quase terminando seu quadro, percebeu como era fácil picar papel com a tesoura. Ficou a cortá-lo em pedacinhos observando como caíam adejando até o chão. Parecia estar nevando e logo o assoalho ficou juncado de papel picado. A professora, aproximando-se da pequena, disse: "Quando o 'seu' José, nosso servente, entrar hoje à noite para limpar a sala ficará imaginando o que teria acontecido por aqui." Maria ficou pensativa por uns instantes e então replicou: "Vou ter que dar um jeito nesta confusão. A senhora segura a pá de lixo enquanto eu varro?"

Transformem a disciplina em ensino, tomando a iniciativa de debater, explicar, interpretar e demonstrar a conduta desejável. E se a relação orientadora fôr constante e se aceitarem o fato de que nem tãda experiência será um sucesso — o aprender leva muito tempo — eventualmente alcançarão o objetivo de estabelecer dentro da criança o auto-contrôle e valorização própria.

O Milagre do Amor

Willis S. Peterson



Todos os grandes princípios e leis governantes foram concebidos por amor, para o bem-estar e felicidade do homem. É amor supremo o que está expresso na seguinte Escritura: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16)

O amor é o cumprimento da lei. Quando Jesus fêz esta afirmação, os homens procuravam alcançar os céus pela guarda dos Dez Mandamentos — e os milhares de outros mandamentos que haviam derivado dos primeiros. Mas Jesus disse: “Eu vos mostrarei um caminho mais simples. Se fazeis duas coisas — amar a Deus e uns aos outros — tereis cumprido tôda a lei.” (Vide Mateus 22:37-40; Romanos 13:8; Gálatas 5:14; 6:2)

É através do amor, amor de um pelo outro, que podemos literalmente realizar milagres. É o amor que o Pai Celestial tem por nós e o que sentimos por êle que nos motiva a fazer todo o bem que realizamos.

O grande conselho nos céus foi realizado devido ao amor do Pai por todos os seus filhos espirituais. Naquela ocasião os filhos espirituais expressaram seu de-

sejo; em amor declararam sua escolha. A terra foi criada por amor a nós; e na união de amor Adão e Eva criaram o primeiro lar terreno.

Como filhos terrenos temos nosso Pai e nossa Mãe nos céus, além de pais, mães, avós e avós na terra, para amarmos e sermos amados.

Em nossas relações com êles, ao viver uma vida normal e plena, muitas vêzes experimentamos e reconhecemos o milagre do amor.

Quando um homem e uma mulher se amam, casam-se e estabelecem um lar. E quando a mulher se entrega por amor ocorre o milagre do nascimento. Assim chega ao lar o bebê para ser amado e criado.

O pai e a mãe planejam, sacrificam-se, dão tudo o que possuem para que sua vida seja feliz, significativa e produtiva. E o amor dêles é tão imenso que quando o filho está triste, sentem-se infelizes; quando é ferido, sofrem; quando está contente, regozijam-se; quando é bom, ficam orgulhosos.

O mesmo que ocorre entre filhos e pais terrenos, se aplica às nossas relações com nossos pais celestes. Com o correr dos anos o amor entre pais e filhos

se aprofunda. Quando a filha se torna adulta enamora-se de um excelente rapaz — então preparam-se para o casamento. Na manhã do dia em que se casam, toda a família — pai, mãe e filhos — ajoelham-se em oração. Esta é a expressão de sua gratidão para com o Pai Celestial, do seu amor por ele, e do amor de uns pelos outros. Não há palavras que expressem aquêle “algo” que sentem; mas seus sentimentos falam por si e os fazem compreender o grande amor que compartilham.

O tempo passa, e logo o nôvo lar é abençoado com um filhinho. Este não é amado somente por seus pais como também pelos avós.

E uma visão completamente nova do amor entra em foco. O pequerrucho tão doce, puro, amoroso... é simplesmente celestial. Foi o amor de nosso Pai Celestial que o enviou. Seus pais terrenos o amam de todo o coração, e seus avós vivem uma experiência nova. Descubrem que seu amor por êle é indescritível... e indagam: “Será que amamos nossos próprios filhos com um amor tão grande assim?” Sim, amaram os seus da

mesma forma. Eles o sabem, pois mais uma netinha e outro netinho vieram multiplicar essa experiência e endossar sua validade. Estão aprendendo agora que seu amor pode estender-se e expandir-se sem diminuir.

Assim é o amor de nosso Pai Celestial. É por isso que pode amar a cada um de nós, seus filhos, individualmente, com um amor profundo, com interesse, cuidado e carinho. Podemos comparar êsse amor divino com o milagre da multiplicação dos pães. Jesus tomando os cinco pães e dois peixes, abençoou-os, e mandou distribuí-los entre a multidão. “Todos comeram e se fartaram... e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios.” (Mateus 14:15-21)

O mesmo acontece com o amor. Quanto mais damos, mais temos a dar. Nossa capacidade de amar cresce, criando relações duradouras, valiosas com nossos entes queridos e todos os nossos semelhantes.

Da mesma forma como Jesus realizou o milagre da multiplicação dos pães, toda pessoa poderá realizar o milagre do amor.

Acender e Alimentar O Fogo do Aprendizado

Lynn Stoddard

O professor de Escola Dominical que entrar na sala de aula sem antes decidir por que razão êle é professor está fadado à ineficiência ou fracasso. É imperativo que cada professor saiba por que foi chamado a lecionar, o que se espera que faça, e quanto é esperado.

Caso tenha, de alguma forma, chegado à conclusão de que sua tarefa será contar histórias e manter as crianças acomodadas, precisa re-examinar seus conceitos em termos do objetivo da Escola Dominical, segundo foi estabelecido no respectivo manual:

Cabe ao lar a principal responsabilidade quanto ao ensino do Evangelho. A Escola Dominical auxilia o lar nesta responsabilidade.

Seu objetivo é ensinar o Evangelho de Jesus Cristo a todo membro da Igreja e aos investigadores que frequentam a Escola Dominical.

O ensino na Escola Dominical deve proporcionar o desenvolvimento de uma fé vital em Deus o Pai, em seu Filho, Jesus Cristo, e no Espírito Santo, além do testemunho de que o Sacerdócio e os princípios do Evangelho de Jesus Cristo foram restaurados através do Profeta Joseph Smith sendo preservados por profetas vivos.

Pedir, Buscar, Bater!

Se o ensino deve resultar no desenvolvimento da fé, na Deidade e no testemunho pessoal acerca da veracidade do Evangelho, será preciso mais do que manter as crianças acomodadas contando-lhes histórias.

De que forma as pessoas desenvolvem fé e testemunho pessoal? O caminho mais seguro é através do empenho pessoal — a busca pessoal — jejuando, oran-



do, estudando, meditando e pondo em prática os princípios do Evangelho ensinados.

Os propósitos primordiais do professor são:

(1) Influenciar os alunos a que se empenhem pessoalmente na busca, e

(2) Ajudar os alunos a produzir e encontrar respostas para suas próprias dúvidas sobre o Evangelho.

O Salvador nos disse que precisamos empenhar-nos na própria busca:

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á.” (Mateu 7:7)

Cada uma dessas palavras, “pedir”, “buscar”, “bater”, implica em envolvimento pessoal, ativo, e em empenho exercido em grau cada vez maior.

Aprender os princípios do Evangelho requer mais do que atenção passiva às lições sobre os mesmos. Será necessário envolver-se ativa e entusiasticamente nas lições para ser levado a empenhar-se na busca.

O professor deve ter objetivos claramente definidos para cada lição a fim de favorecer o empenho pessoal e ajudar os ouvintes a produzir e encontrar respostas para suas próprias perguntas. Por isso, nem sempre é proveitoso dar às crianças as respostas para suas perguntas, porque freqüentemente leva-as a interromper a busca. Se a criança receber respostas imediatas de uma fonte externa, poderá satisfazer-se a ponto de não mais procurar um significado e envolvimento pessoal.

Se o professor deseja criar interesse pela leitura das Escrituras Sagradas, por exemplo, precisa ajudar os jovens a reconhecer que tais escritos, aliados ao jejum e à oração, contêm respostas pertinentes a suas indagações e problemas atuais.

Devolver eventuais perguntas aos alunos para que se esforcem por encontrar respostas pessoais é um bom meio de manter a busca atuante.

Dois Importantes Objetivos do Ensino

É importante que os professores planejem cada aula dominical dentro da estrutura dos objetivos primordiais já citados:

(1) Levar os alunos a se empenharem pessoalmente na busca, e

(2) Ajudá-los a produzir e encontrar respostas para suas próprias indagações sobre o Evangelho.

Tais objetivos do ensino poderiam ser parafraseados da seguinte forma:

(1) Estimular ou "ligar" o desejo de saber dos alunos, e

(2) Ajudá-los a reunir dados (informações) para uso próprio por meio da busca pessoal.

Em outras palavras, é muito importante que auxiliemos os alunos a "como" aprender — procurar respostas para suas próprias indagações sobre o Evangelho e a processar estas informações encontradas através de seus "computadores", mental e espiritual, a fim de obter aplicação pessoal.

Tendo em vista tal propósito, é imperativo abandonarmos o conceito de que a tarefa principal do professor é transmitir informações. Sua tarefa primordial

é inflamar e nutrir a chama do saber. Então o aluno tornar-se-á um estudioso da verdade por iniciativa própria, auto-conduzido e auto-propulsor, por toda a sua vida. O professor cômico de que sua tarefa principal é ajudar toda criança em sua luta pessoal para encontrar significação, planejará muitas experiências didáticas que iniciem e mantenham atuante essa busca, orientando o aluno para os caminhos produtivos da vida.

Se os professores aprenderem a considerar-se como "orientadores de estudo", serão capazes de transmitir os objetivos específicos das lições de modo a ajudar cada filho e filha de Deus a desenvolver seus dons, talentos, fé e testemunho individuais. Faz parte do plano eterno que cada um dos filhos de nosso Pai seja responsável por seu próprio aperfeiçoamento (pois é seu próprio árbitro). Sabendo disso, o professor planejará cada lição de maneira a poder oferecer experiências diversas (oportunidades) para que cada um encontre "combustível" para alimentar a chama da sua busca.

Aquêles que "têm fome e sede de justiça" (Mt 5:6) alcançarão os objetivos da Escola Dominical muito mais depressa do que aqueles cuja chama apenas bruxuleia. Ser o "inflamador" da chama do aprender é a mais sublime oportunidade e desafio de um professor.

Acompanhamento ao órgão para as Jôias Sacramentais

Darwin K. Wolford



Jôias Sacramentais

Escola Dominical Sênior

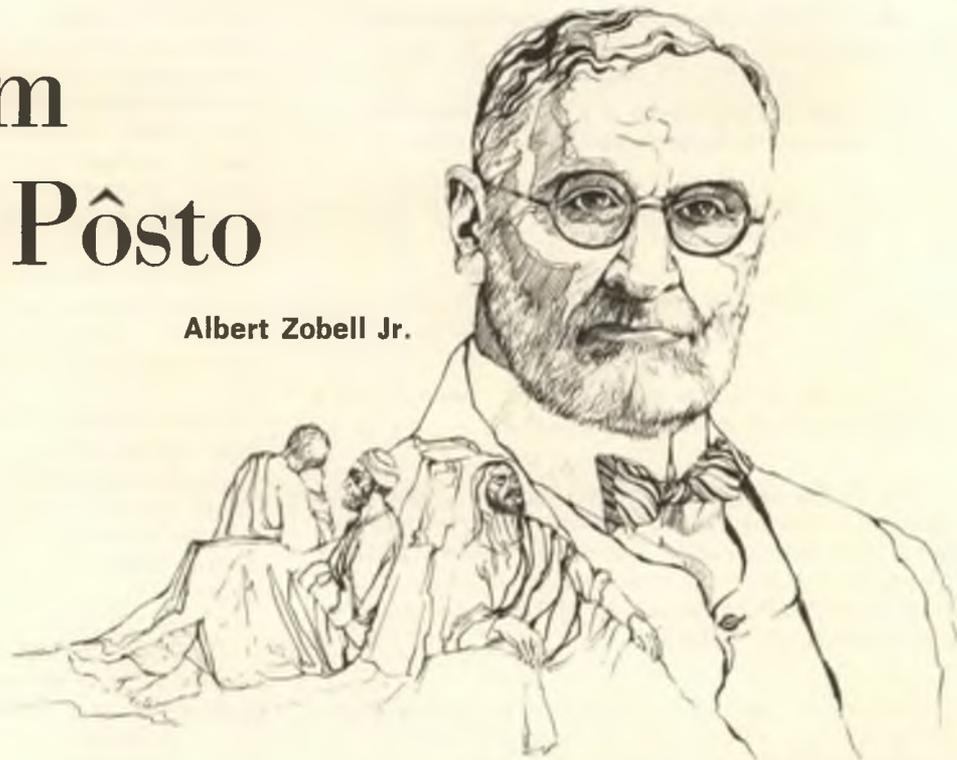
"Buscai primeiramente o reino de Deus, e a sua justiça."
(Mateus 6:33)

Escola Dominical Júnior

"Amarás ao teu próximo como a ti mesmo."
(Mateus 22:39)

Alerta em Meu Pôsto

Albert Zobell Jr.



O Elder Orson F. Whitney (1855-1931), um dos príncipes dos poetas-historiadores dos santos dos últimos dias, tornou-se apóstolo a 9 de abril de 1906, junto com George F. Richards e David O. McKay.

O Elder Whitney, orador popular e muito requisitado, ao falar durante a conferência da A. M. M., em junho de 1925, recordou como, na idade de 21 anos, durante sua missão na Pensilvânia, teve certo sucesso com artigos e poemas nos quais tentou expressar seu modo de pensar.

Seu companheiro, A. M. Musser, 25 anos mais velho e um veterano da obra missionária, o censurava dizendo: "Você devia estar estudando as obras da Igreja; você foi enviado para pregar o Evangelho e não para escrever artigos de jornal."

O jovem Whitney reconhecia que seu companheiro tinha razão, mas continuou escrevendo, fascinado pela descoberta de saber manejar a caneta. Como narrou na sessão de sábado à noite da conferência, 7 de junho de 1925:

"Certa noite sonhei — se é que pode ser chamado de sonho — que me encontrava no Jardim de Getsêmani testemunhando a agonia do Salvador. Vi-o tão claramente como posso ver esta congregação. Acha-

va-me atrás de uma árvore do primeiro plano, donde podia observar sem ser visto. Jesus, em companhia de Pedro, Tiago e João, chegaram passando por um portãozinho em arco à minha direita. Deixando lá os três apóstolos, depois de dizer-lhes que se ajoelhassem e orassem, dirigiu-se ao outro lado onde também ajoelhou em oração. Foi a mesma oração que todos conhecemos: 'Meu Pai: Se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e, sim, como tu queres.' (Mateus 26:36-44; Marcos 14:32-41; Lucas 22:42)

"Ao orar, lágrimas rolavam-lhe pela face que estava voltada para mim. Fiquei tão comovido com o que via que também chorei, por pura simpatia com sua grande tristeza. Todo o meu coração se entregou a êle, amei-o com todo o meu sêr, e ansiava por estar junto dêle como jamais almejava algo.

Então levantou-se e foi para onde os apóstolos estavam ajoelhados — profundamente adormecidos. Êle os despertou sacudindo-os levemente, e em tom de mansa reprovação, sem a mínima sugestão de raiva ou irritação, perguntou se não conseguiam velar com êle por uma hora. Ei-lo ali, carregando nos ombros o pêso dos pecados do mundo, a an-

gústia de cada homem, mulher e criança aguilhoando sua alma sensível — e êles não conseguiam manter vigília por uma só hora!

"Retornando ao local primitivo, orou novamente; depois voltou e encontrou-os outra vez dormindo. Acordou-os mais uma vez, advertindo-os; retornou pela terceira vez e orou como o fizera antes. Isto aconteceu três vêzes, até que sua aparência era-me perfeitamente familiar — rosto, figura, movimentos. Tinha nobre estatura e porte majestoso — nada parecido com o sêr frágil, efeminado concebido por certos pintores — um verdadeiro Deus entre os homens, todavia tão manso e humilde como uma criancinha.

"De repente as circunstâncias pareciam modificadas embora o cenário fôsse o mesmo. Em vez de antes, era após a crucificação, e o Salvador em companhia dos três apóstolos estavam à minha esquerda. Não consegui suportar por mais tempo. Saí correndo de trás da árvore, e aí aos pés dêle envolvendo seus joelhos e pedi-lhe que me levasse com êle.

"Nunca hei de esquecer a maneira bondosa e gentil com que se inclinou, ergueu-me e abraçou-me. Foi tão vívido, tão real, que cheguei a sentir o calor do peito dêle contra

o qual me apoiava. Então disse: 'Não, meu filho; êstes terminaram sua obra e poderão ir comigo, mas tu deves ficar e terminar a tua.' Ainda agarrado a êle, o olhar erguido para sua face — pois era mais alto que eu — supliquei-lhe de todo o coração: Promete-me, então, que estarei contigo quando chegar o fim.' Sorrindo doce e compassivamente, replicou: 'Isto dependerá inteiramente de ti.' Acordei soluçando — era de manhã."

"Isto veio de Deus", comentou o Élder Musser quando ouviu a história.

"Não é preciso dizer-me" repli-

cara Orson Whitney, e depois disse à enorme congregação da A.M.M.:

"Compreendi o sentido claramente. Nunca imaginei que me tornaria um apóstolo, ou que ocuparia qualquer cargo na Igreja; e mesmo então não me ocorreu um tal pensamento. Não obstante, sabia que o incidente dos apóstolos adormecidos se referia a mim. Eu estava a dormir em meu pôsto — como o estará qualquer pessoa que, tendo sido designada divinamente para um trabalho, dedica-se a outro.

"Mas, daquele momento em diante tudo mudou — tornei-me um homem diferente. Não desisti de es-

crever, pois o Presidente Brigham Young, tendo lido algumas contribuições de minha autoria na imprensa local, escreveu-me aconselhando a cultivar o que chamava o 'dom de escritor', a fim de usá-lo futuramente para o 'estabelecimento da verdade e da justiça sôbre a terra.' Êste foi o último conselho recebido dêle, pois faleceu naquele mesmo ano enquanto ainda me encontrava no campo missionário, . . . trabalhando então no estado de Ohio. Continuei a escrever, mas sempre em prol da Igreja e do Reino de Deus. Era o que eu considerava primordial e o mais importante; tudo o mais é secundário."

Qual é mesmo o endereço da Igreja de Jesus Cristo SUD?

ALEGRETE: R. Waldemar Massen, 85, CP 64 — **APUCARANA:** R. Clotário Portugal, 1126, CP 406 — **ARAÇATUBA:** R. Luiz Pereira Barreto, 245, CP 173 — **ARARAQUARA:** R. Voluntários da Pátria, 1209, CP 356 — **BAGÉ:** R. Flôres da Cunha, 157, CP 315 — **BAURÚ:** R. Gustavo Maciel, 1641, CP 558 — **BELO HORIZONTE:** R. Levindo Lopes, 214, CP 1251 — **BRASÍLIA:** Av. W5, M59, 913, Asa Sul, CP 1366 — **CACHOEIRA DO SUL:** R. Saldanha Marinho, 644, CP 311 — **CAMPINAS:** Av. Duque de Caxias, 645; R. Frei Manuel da Ressurreição, 936, CP 72 — **CANOAS:** R. 15 de Janeiro, s/n, CP 97 — **CARAZINHO:** R. Flôres da Cunha, s/n, CP 183 — **CAXIAS DO SUL:** R. Julio de Castilhos, 867, CP 333 — **CRISCIUMA:** R. Henrique Lages, 503, CP 392 — **CRUZ ALTA:** R. Coronel Pilar, 590, CP 38 — **CURITIBA:** Av. Iguassú, 1460; R. Mateus Leme, 631, CP 778 — **ERECHIM:** Condomínio Erechim, s/n, CP258 — **FLORIANÓPOLIS:** R. Tenente Silveira, 56, CP 450; **FORTALEZA:** R. Barão de Aratf, 623, CP 1309 — **ITAJAÍ:** R. 15 de Novembro, 176, CP 65 — **JAÚ:** R. Edgar Ferros, 283, CP 196 — **JOINVILLE:** R. Max Colin, 426, CP 156 — **JUIZ DE FORA:** R. Espírito Santo, 743, CP 490 — **JUNDIAÍ:** R. Bartolomeu Lourenço, 202, CP 132 — **LAGES:** R. João de Castro, 451, CP 430 — **LIVRAMENTO:** R. 24 de Maio, s/n, CP 205 — **LONDRIANA:** R. Belo Horizonte, 1236, CP "K" — **MARÍLIA:** R. Lima e Costa, 318, CP 86 — **MARINGÁ:** R. 15 de Novembro, 1040, CP 266 — **NITERÓI:** R. Pres. Backer, 9, CP 366 — **NÓVO HAMBURGO:** R. Pedro Adams Filho, 5355, CP 277 — **PELOTAS:** R. Princesa Isabel, 86, CP 409 — **PETRÓPOLIS:** R. Teresa, 52, CP 258 — **PIRACICABA:** R. Moraes Barros, 969 — **PONTA GROSSA:** R. Bonifácio Vile-

la, 460, CP 535 — **PÓRTO ALEGRE:** R. Marquês do Her- val, 349; R. Princesa Isabel, s/n; R. Adão Bairo, 330; R. Santa Maria, 80; R. Gen. Rondon, 42; CP 1513 — **PÓRTO UNIÃO:** R. Manoel Ribas, 100, CP 21 — **PRESIDENTE PRUDENTE:** R. Pedro de Oliveira Costa, 234, CP 1309 — **RECIFE:** R. 7 de Setembro, 428, CP 2379 — **RIBEIRÃO PRÊTO:** R. São Sebastião, 1003, CP 388 — **RIO CLARO:** R. Seis, 1438, CP 320 — **RIO DE JANEIRO:** R. Silva Teles, 99 — **RIO GRANDE:** R. Aquidaban, 621, CP 34 — **SANTO ANDRÉ:** R. Catequese, 432 — **SÃO BERNARDO:** R. Cândido Portinari, 68 — **SÃO BORJA:** R. General Marques, 1355, CP 76 — **SÃO CAETANO:** R. Maranhão, 944 — **SÃO CARLOS:** Av. Marechal Deodoro, 2185 — **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS:** Av. Marechal Floriano Peixoto, 208, CP 479 — **SÃO JOSÉ DO RIO PRÊTO:** R. Marechal Deodoro, 2846, CP 325 — **SÃO LEOPOLDO:** R. Theodomiro Pôrto da Fonseca, 201, CP 109 — **SÃO PAULO: Bosque da Saúde:** R. Ibituruna, 82; **Casa Verde:** R. Antenor Guerlândia, 34; **Lapa:** R. Guararapes, 470; **Mauá:** R. Álvares Machado, 19; **Moóca:** R. da Moóca, 4835; **Osasco:** R. Caldas Talo, 265; **Penha:** R. Rodovalho Jr., 666; **Perdizes:** R. Caiubi, 345; **Pinheiros:** R. Iguatemi, 1980; **Santana:** R. Padre Donizetti, 28; **Santo Amaro:** R. São Benedito, 504; **V. Maria:** Av. Guilherme Cotching, 129; **V. Mariana:** R. Maurício Klabin, 92 — **SÃO VICENTE:** R. Dom Lara, 504; **SANTA MARIA:** R. Pinheiro Machado, 2725, CP 183 — **SANTA ROSA:** R. Cristóvão Colombo, 159, CP 164 — **SANTOS:** Av. Waldemar Leão, 305; R. Paraíba, 94 — **SOROCABA:** R. Gen. Osório, 515 — **TERESÓPOLIS:** R. Carmela Dutra, 661, CP 46 — **URUGUAIANA:** R. 7 de Setembro, 1915, CP 60.

Querelas — e felicidade no lar

Richard L. Evans

do Conselho dos Doze

Um dos elementos essenciais na alegria de viver é harmonia e felicidade no lar. E isto depende, afinal, tão somente do caráter, da cortesia — e do simples bom senso. Por que, ó, por que, pessoas que convivem nessa mais íntima das relações da vida, permitem que desavenças e malentendidos destruam a paz e a felicidade domésticas? “Existe um tipo de querela que purifica a atmosfera,” escreveu Dorothy Walworth. “O outro tipo de briga... deixa feias cicatrizes e rancor, que eventualmente podem destruir um casamento... Quando César... cruzou o Rubicon, ficou impedido de voltar e conservar tudo como fôra antes... Se, numa altercação, você lançar mão de nomes feios... e demonstrar diabólica habilidade de usar os termos mais ofensivos — (se) você rebuscar impiedosamente todos os fracassos passados e destruir temerariamente mesmo as recordações mais felizes... não será possível voltar sobre seus próprios passos e tornar o casamento exatamente como era antes... Nenhuma espôsa ou marido deve tomar tão a sério o que o outro diz no fim de um dia exaustivo... (quando) se está cansado ou nervoso (ou indisposto)... Seja gentil. Hoje em dia, todos nós temos onde empregar mais proveitosamente nossas energias do que combatendo com aquêles a quem amamos... Não tente vencer uma disputa pelo simples prazer da vitória. Seu espôso ou sua espôsa não é um rival, nem tampouco alguém que precisa ser derrotado mesquinamente... Qualquer desentendimento precisa ser resolvido. Não deve terminar... com duas pessoas amuadas durante dias... Alguém deveria dizer: ‘Sinto muito’. Não seja por demais orgulhoso para dizê-lo... O orgulho sai caro demais... Não insista em ter sempre razão... Uma advertência final. Não lave roupa suja em público. Cenas em público são de um mau gosto incrível. E para isto existe somente um recurso — cale-se!” Tudo se resume, afinal, em uma questão de caráter, cortesia e bom senso. Não tenha medo de dizer ‘sinto muito’. E se alguém o disser com sinceridade, aceite-o. Não permita que o orgulho ou a obstinação ou a estupidez destruam a paz e a felicidade no lar.